

**CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA  
MAURÍLIO ANTÔNIO VALENTIM**

**LITERATURA E MATEMÁTICA: O HOMEM QUE  
CALCULAVA, DE MALBA TAHAN**

Juiz de Fora  
2010

**MAURÍLIO ANTÔNIO VALENTIM**

**LITERATURA E MATEMÁTICA: O HOMEM QUE  
CALCULAVA, DE MALBA TAHAN**

Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, Área de Concentração: Literatura Brasileira.  
Linha de Pesquisa: Literatura Brasileira: tradição e ruptura.

Orientador: Prof. Dr. William Valentine Redmond

Juiz de Fora  
2010

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Esdeva – CES/JF  
Bibliotecária: Alessandra C. C. Rother de Souza – CRB6-1944**

VALENTIM, Maurílio Antônio.

Literatura e matemática: o homem que calculava, de Malba Tahan. [manuscrito] / Maurílio Antônio Valentim. – Juiz de Fora: Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2010.

103 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (MG), Área de concentração: Literatura brasileira.  
“Orientador: William Valentine Redmond”

1. Literatura brasileira. 2. Literatura e matemática. 3. Tahan, Malba, 1895-1974. O homem que calculava. I. Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. II. Título.

CDD – B869.3

## FOLHA DE APROVAÇÃO

VALENTIM, Maurílio Antonio. Literatura e matemática: O homem que calculava, de Malba Tahan. Dissertação apresentada ao Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, realizada no 2º semestre de 2010.

### BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. William Valentine Redmond  
Orientador

---

Profª. Drª. Thereza da. Conceição Aparecida Domingues

---

Profª. Drª. Teresinha V. Zimbrão da Silva

Examinado(a) em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Dedico este trabalho com muito amor, à  
Jane, Uquinha, Lilin e meus pais.

## AGRADECIMENTOS

Ao ser superior, pelo dom da vida e pelo discernimento em vivê-la.

Aos meus pais, que proporcionaram condições de uma educação capaz de me trazer até aqui.

A minha esposa, por ter me ouvido nos momentos de fraquejo e dado colo nas horas que tudo parecia um imenso vazio.

Aos meus filhos que souberam trocar a falta do terceiro jogador por um cantinho ao lado da cama perto da escrivaninha.

Ao meu orientador prof. Dr. William que já na banca de entrevista aceitou este desafio e por caminhar ao meu lado sempre me direcionando.

Aos meus amigos, que compreenderam meu distanciamento.

A minha eterna amiga Edméia que provocou a fecundação, esteve presente na gestação e com certeza estará presente no parto desta dissertação.

As minhas diretoras Clarinha e Cris pelas atitudes tomadas, somente dadas àqueles que são amigos verdadeiros, em prol de um eventual desconhecido.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria de Lourdes pelo encantamento que quase modificou a trilha já definida.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Nícea que me apoiou desde o momento da primeira conversa antes da inscrição para o processo seletivo.

Aos professores do Centro de Ensino Superior pela convivência e por terem ajudado a (des)construir todo este novo Maurílio.

Aos colegas de curso por compartilharem os momentos de alegria e apoiarem dividindo os momentos de angústia .

Um escritor não é tanto aquele que tem algo a dizer, e sim alguém que encontrou um processo de trazer à tona novas idéias, que não teriam sido pensadas se ele não tivesse começado a escrevê-las.

Staffor

## RESUMO

VALENTIM, Maurílio Antônio. **Literatura e matemática: O homem que calculava**, de Malba Tahan. 103 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

Este estudo tem como objetivo, através dos elementos da narrativa, apresentar uma análise literária na obra **O homem que calculava** de Júlio César de Mello e Souza mais conhecido pelo seu heterônimo de Malba Tahan sem se enveredar pelos caminhos didáticos do ensino de matemática. Apresentar sua vasta obra literária, bastante diversificada e sua biografia abordando a origem de sua escrita de cultura árabe. Considera ainda um diálogo entre Literatura e Matemática em uma possível união entre duas áreas reputadas por muitos como antagônicas.

**Palavras-chave:** Matemática. Literatura. Malba Tahan. Cultura árabe.

## ABSTRACT

This study has as its objective to offer a literary analysis, through the examination of the narrative elements, of the work **O homem que calculava** of Júlio César de Mello e Souza, better known by his pen name of Malba Tahan without however forgetting the elements of the text that deal with the didactics of the teaching of mathematics. After details of his vast collection of literary works and salient ideas of his biography which concentrate on his writings that offer characteristics of Arab culture, the analysis is made and this shows the possibility of seeing in this novel a dialogue between Literature and Mathematics rejecting the frequent charge that such a dialogue is in fact impossible, despite the opinion of many whom deny this possibility.

**Keywords:** Mathematics. Literature. Malba Tahan. Arab culture.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>APRESENTAÇÃO</b> .....                                    | 09 |
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....                                    | 13 |
| <b>2 A LITERATURA EM DIÁLOGO COM A MATEMÁTICA</b> .....      | 16 |
| 2.1 A MATEMÁTICA DENTRO DA LITERATURA .....                  | 16 |
| 2.2 O ROMANCE MATEMÁTICO .....                               | 21 |
| <b>3 MALBA TAHAN: UM GRANDE CHEIQUE EL-MEDAH</b> .....       | 30 |
| 3.1 O AUTOR MATEMÁTICO .....                                 | 30 |
| 3.2 O TIPO DE LEITOR NA LITERATURA MALBATAHANA .....         | 47 |
| <b>4 PASSEANDO PELAS AREIAS DO DESERTO COM BEREMIS</b> ..... | 55 |
| 4.1 PERSONAGEM.....  | 55 |
| 4.2 ENREDO.....  | 65 |
| 4.2.1 Enredo histórico.....                                  | 65 |
| 4.2.2 Enredo matemático .....                                | 66 |
| 4.3 ESPAÇO.....  | 71 |
| 4.4 TEMPO.....   | 75 |
| 4.5 NARRADOR.....  | 80 |
| 4.6 LINGUAGEM.....   | 82 |
| <b>5 CONCLUSÃO</b> .....                                     | 88 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....                                     | 91 |
| <b>ANEXOS</b> .....  | 97 |

## APRESENTAÇÃO

*Salã* (saudação). Acho que todos que estão iniciando esta leitura devem estar se perguntando: Qual a relação entre matemática e literatura? Ou. Por que um professor de matemática está fazendo Mestrado em Literatura Brasileira? No decorrer desta apresentação espero responder a esta pergunta. *Inch'Allah* (Queira Deus).

Com a conclusão do ensino fundamental era a hora de escolher qual rumo tomar. No ensino médio optei pelo ensino técnico em contabilidade em detrimento do então científico. Sempre olhando para o futuro, tinha pretensões de trabalho na área bancária. Mas com as mudanças implantadas pelo governo, à época, reduzindo o horário do expediente bancário, as opções de emprego diminuíram sensivelmente.

Tendo formado no segundo grau antes dos dezoito anos, parti para o alistamento militar no estado do Rio de Janeiro, onde fui direcionado à seleção do NPOR, Núcleo de Preparação para Oficiais da Reserva, o qual não aceitei, preferindo o batalhão de Páraquedistas.

Neste período de seleção comecei a trabalhar em uma loja de material elétrico em Muriaé, com um bom salário para um jovem, o que me fez pedir dispensa (com muito custo para ser aceita), e assim adiar minha transferência de cidade. Três anos de trabalho em vendas me mostraram que apesar de ter gostado de lidar com pessoas, não era o que queria, tinha de voltar a estudar.

De família que não tinha condições de custear uma pessoa em outra cidade para estudar, fui obrigado a escolher um curso superior em Muriaé, que não atendia às minhas pretensões e que só oferecia, à época, cursos de licenciatura, na FAFIC, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Marcelina, sendo os cursos de Licenciatura de Ciências com habilitação em Matemática e Ciências Físicas e Biológicas, Licenciatura em Letras, Licenciatura em História e o curso de Pedagogia, escolhi o curso de Ciências.

Minha vida começou a mudar no momento em que comecei a ministrar aulas como contratado em um colégio estadual de Muriaé, antes da conclusão do curso. A experiência de dois meses lecionando iniciou uma mudança em minhas concepções sobre educação. Depois de formado, passei da posição de aluno para

a de professor e a olhar de um ângulo diferente a sala de aula, refletindo sobre a educação e o fazer educação.

Minha ligação com a matemática começava a estreitar e o que antes parecia normal para mim, mostrou-se uma verdadeira paixão. Meu início como professor não foi difícil, gostava de estar à frente de uma sala de aula e considerava meus alunos como uma platéia e minha aula um show, mas isso só acontecia nos momentos de descontração e explanação dos conteúdos, pois nos momentos em que os avaliava, utilizando diversas maneiras, via que eles não tinham compreendido as minhas falas, e assim começava minha peregrinação ao encontro de uma pedagogia que poderia me salvar desta angústia que começava a me incomodar. Mesmo mudando a maneira de me expressar, constantemente, os resultados surtiam efeitos menores que o esperado.

Fui aprovado no concurso da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora em 1997. O processo de seleção foi constituído por várias etapas e entre elas a de uma aula prova que foi coordenada por professores de matemática da Universidade de Juiz de Fora, ligados à pesquisa em Educação Matemática. Fui convidado para pleitear uma vaga no curso de especialização em Educação Matemática que seria ministrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, sendo aprovado e tendo assim o meu início em uma parte da matemática que não conhecia. Trabalhar com história da matemática, etnomatemática, música, filosofia da matemática, e outros, me despertou para entender que o que eu procurava talvez não encontrasse dentro da matemática que conhecia.

Este incômodo sempre esteve presente nos momentos de interdisciplinaridade, pois na maioria das atividades a matemática ficava restrita a alguns gráficos ou operações sem sentido, assim: qual à distância percorrida em um passeio em diferentes unidades de representação, ou simplesmente ficava a mercê da autoridade do professor com alguns pontos de participação ou conceito. Este poder, que ainda vejo, no início me dava sensação de glória como um *status* de estar no comando. Com o passar do tempo este *status* se tornou empecilho para mim, colocando em algumas situações, um abismo entre meus discentes e eu.

Como professor via como objetivo primordial que os alunos compreendessem, assimilassem e mantivessem vivos em sua memória os conteúdos que lhes foram apresentados, para que em momentos oportunos

pudessem realizar as conexões da teoria à prática, não através de medo de sua própria capacidade, mas com gosto de querer aprender com prazer.

Considero que sem leitura, deixando claro que acredito na existência de uma diferença entre leitura e codificação de símbolos, não se pode alcançar uma plenitude no ato de ensinar pois ela é o pilar do conhecimento em qualquer uma das áreas que os educadores classificam.

Mas como decodificar os símbolos matemáticos se ainda há uma dificuldade na decodificação dos símbolos de nossa língua materna? E como fazer a transição para um linguajar matemático de expressões muitas vezes utilizadas e conhecidas na língua materna? Como trabalhar os signos e significados próprios do conteúdo sem se alicerçar em fórmulas e “macetes”?

Trabalhar com paradidáticos específicos pode ser uma alternativa, e temos uma bibliografia ampla, mas acaba sendo tendencioso ao caráter didático em matemática do que a ampliação do vocabulário dentro do conteúdo.

Trabalhando com aula de leitura, no início começando com oficinas de jornais, queria que meus alunos lessem obras que despertassem a curiosidade pela matemática, mas que não expusessem o conteúdo de tal forma que a falta de um conhecimento específico de determinado assunto os fizesse desistir.

Até hoje, com raras exceções, a matemática e a língua materna são vistas como conteúdos antagônicos com exageros até na classificação de alunos que são “bons em matemáticas e são ruins em português e vice-versa”, e não há qualquer relação de um no currículo de graduação na do outro.

Isso pode explicar como um professor de matemática, reconhecido em vários lugares do mundo, com obras traduzidas para vários idiomas, ficou num limbo entre matemática e a língua materna no Brasil. Como professor de matemática só o conheci após a especialização e procuro agora entendê-lo me distanciando da área de atuação de matemática ao ingressar no Mestrado em Literatura no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora/CES, na linha de Pesquisa: Literatura Brasileira – Tradição e ruptura.

Pretende-se, assim, apresentar não um matemático mas um escritor e romancista, cujas obras podem ser saboreadas por qualquer leitor, sem se preocupar com fórmulas ou equações matemáticas, pois as mesmas aparecem de maneiras tão sutis que podem ser assimiladas junto com as letras. Compreender o processo de escrita, analisando sua obra literária poderá mostrar caminhos novos

em veredas já abertas por muitos estudiosos no Brasil, que já fazem esta conexão entre a Matemática e nossa língua materna dentro do ensino de Matemática.

*Uassalã* (saudação final).

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo central desta dissertação é uma análise literária na obra **O homem que calculava** (1998) do matemático Júlio César de Mello e Souza mais conhecido pelo seu heterônimo Malba Tahan e também apresentá-lo como autor e escritor ao mundo acadêmico.

Esta análise a que se propõe não é para fins didático-metodológicos no ensino de matemática, já que a utilização de narrativas nas aulas de matemática não é uma novidade, sendo objeto de estudo por vários pesquisadores, mas apresentar um autor, de origem nas chamadas ciências exatas, analisando criticamente sua obra, que antes de objetivar e ou priorizar o ensino da matemática, coloca o prazer de aprender em foco, se apropriando da literatura como instrumento para esse fim. O uso da literatura para criar ou aumentar o prazer da leitura pode ser também utilizada nas aulas de Matemática?

Ao iniciar esse nosso estudo deparei-me com algo que dificultaria todo o processo, a quantidade de obras publicadas. Mesmo eliminando as obras de caráter específico de matemática, o universo ainda estava além de uma dissertação. A pouca oportunidade e reconhecimento do autor resultaram também na dificuldade de acesso as obras que são antigas e na sua maioria não teve reedições.

Mesmo com as dificuldades encontradas foi possível selecionar algumas obras que serviram de apoio ao estudo da obra mais conhecida e objeto principal da dissertação; **O homem que calculava** (1939).tais como: **O Romance do filho pródigo** (1967), **Minha vida querida** (1959), **O mistério do mackenzista (um estranho caso policial)** (1970), **A arte de ler e contar histórias** (1970).

Iniciaremos, no capítulo 2, com a relação entre literatura e matemática. Abordaremos obras que utilizam em sua narrativa, expressões matemáticas para darem sentidos ao enredo como **A matemática da formiga** (1999) de Daniela Beccaccia Versiane, e ou em poemas como o Poema matemático de Millôr Fernandes. Basearemos esta relação nos estudos realizados sobre a conexão existente entre a literatura e a matemática por Kátia Cristina Stocco Smole, e às análises sobre a interdependência da língua materna e o ensino de matemática, feito por Nilson José Machado.

Ainda no capítulo 2, destacaremos um tipo de romance que envolve situações de caráter matemático, que é chamado de “romance matemático” e será exemplificado com as apresentações dos autores, o brasileiro José Bento Monteiro Lobato, o inglês Lewis Carrol pseudônimo de Charles Lutwidge Dodson e do alemão Hans Magnus Enzensberger, sendo que somente algumas de suas obras que podem ser enquadradas nesta classificação.

Destacaremos no capítulo três, levando em consideração os comentários já realizados sobre o reconhecimento do autor, sua biografia desde de sua infância em Queluz, São Paulo, até o professor escritor; as influências que o levaram à escolha e à criação do heterônimo Ali Yezid Izz-Eddin Ibn-Salin Hank Malba Tahan e sua escrita em estilo oriental. Para isso serão utilizados os estudos de Mohammed Abed al-Jabri sobre a concepção da relação tradição-modernidade, a partir do que ele entende por tradição (*turāth*) na cultura árabe

Classificaremos ainda o leitor da obra de Júlio César de Mello e Souza, baseado nos vários temas abordados em suas obras, e no tipo de leitor proposto por Wolfgang Iser e por Umberto Eco em sua obra **Seis passeios pelos bosques da ficção** (1994).

No quarto capítulo, baseado na corrente literária conhecida como Nova crítica (*New Criticism*, corrente literária surgida nos Estados Unidos na década de trinta), que tem o professor Afrânio Coutinho como ícone no Brasil, será realizada uma análise dos elementos da narrativa nas obras selecionadas. Dentro desta análise serão levantadas questões sobre a intertextualidade e a metanarrativa. Daremos uma atenção especial à obra **O homem que calculava**, objeto central do nosso estudo, seu livro mais difundido e que está na sua 75ª edição sendo traduzido para o espanhol, o inglês, o italiano, o alemão e o francês. Como teóricos utilizaremos o crítico literário Antonio Candido e Afrânio Coutinho.

Ressalta-se aqui, a originalidade desta pesquisa que, apesar de encontrar vários estudos sobre a utilização da matemática dentro da literatura, e sobre a utilização de obras literárias dentro de uma metodologia-didática nas aulas de matemática, não encontrou pesquisas que abordem os romances matemáticos dentro de uma análise literária, talvez justificada pela raridade de autores como Malba Tahan.

Por fim, este estudo pretende abrir as portas para futuras análises que enfoquem a relação intrínseca entre dois conteúdos tidos como antagônicos: a Literatura e a Matemática.

## 2 A LITERATURA EM DIÁLOGO COM A MATEMÁTICA

Afrânio Coutinho (1976, p.8) afirma que a principal função da literatura “é de proporcionar prazer ao leitor” mas como proporcionar prazer em leituras em aulas de matemáticas?

Machado (2001) afirma que:

A hipótese básica era a de que a Língua Materna deveria participar efetivamente dos processos de ensino de Matemática, não apenas tornando possível a leitura dos enunciados, mas sobretudo como fonte alimentadora na construção dos conceitos, na apreensão das estruturas lógicas da argumentação, na elaboração da própria linguagem matemática.(p.9)

Freire (1988) ao considerar a importância do ato de ler, analisando o processo que se inseriu na construção de uma de suas falas utilizadas em uma abertura de congresso, coloca que este “processo envolve uma compreensão crítica do ato de ler que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.” (p.11)

Decodificar a palavra dentro de um contexto narrativo é compreender o significado que ela traz consigo, sua história e esse procedimento dentro da matemática “se apresenta como um recurso precioso” de acordo com Márcia Cruz (2009, p. 6),

### 2.1 A MATEMÁTICA DENTRO DA LITERATURA

A utilização da matemática dentro da literatura pode ser confirmada em várias obras tais como: **Aritmética da Emília** de Monteiro Lobato, **De hora em hora ...** de Ruth Rocha, **A revolta dos números** de Odett B. Mott entre outros.

No livro **A matemática da formiga**, Versiani utiliza uma linguagem matemática que é bem enfatizada, já que começa a narrativa com “Sexta feira treze” (1999, p. 13), e continua sutilmente através da fórmula do físico Isaac Newton sobre a gravidade, analisando suas conseqüências.

Francamente, naquela fração de segundos em que a Física aplicava a fórmula  $t = \sqrt{2h/g}$ , duvidei de Newton e temi que tudo que habita a Terra decidisse ficar suspenso, só para me desafiar. No entanto, logo depois, a lei primeira da física newtoniana revelou-se em toda graça, como infalivelmente vem fazendo através dos tempos, desde muito antes de ter-se deixado descobrir. O prazer que senti ao testemunhar o despedaçar-se do copo, os estilhaços de vidro afastando-se uns dos outros, foi igual àquele que, imagino, sentiu o primeiro homem que, dormindo sob a macieira, foi surpreendido pelo fruto maduro espatifando-se sobre a sua privilegiada cabeça. Eureka! O mundo continua ser aquilo que sempre foi. (VERSIANI, 1999, p. 14)

A partir daí ela passa a aparecer durante o percurso da narrativa em situações implícitas. Ainda nas primeiras partes temos o "Largo do Machado. Sobem 35. Descem 17. Sobem 49. Descem 12. Glória. Sobem 14. Descem 3. Cinelândia. Sobem 12. Descem 36." (1999, p. 20), e continua se estendendo durante a narrativa em várias referências às numerações e cálculos da vida diária, "o número da carteira de trabalho, CIC, RG, carteira de motorista, endereço, telefone[...]"(1999, p. 21). E de acordo com a autora em entrevista a Rádio do Senado:

A matemática aqui se apresenta não como ciência, propriamente dita, capaz de resolução de qualquer problema, mas apenas como presença de um cotidiano que se desenrola dia a dia, segundo a segundo, na precisão de um tempo histórico que ameaça tragar cada ser vivente com o inexorável da vida, seu outro lado, o esquecimento, a morte. Contar histórias é contar os dias, os degraus dos edifícios, é somar e subtrair os vivos e os seus mortos que sobrevoam pela cidade da memória como se não fossem fantasmas. (VERSIANE, 2009)

Malba Tahan procurou fazer o inverso, utilizando a literatura como instrumento de divulgação ou de aprendizagem no ensino de matemática, numa busca através das letras em um combate ao medo que esta disciplina costuma

provocar. Mesmo não tendo sido selecionadas para análises, por questões técnicas, muitas de suas obras possuem títulos tais como: **Matemática divertida e curiosa, Matemática divertida e pitoresca, Matemática divertida e delirante, As grandes fantasias da matemática, Histórias e fantasias da matemática, Dicionário curioso e recreativo da matemática**, entre outros, evidenciando sua preocupação em unir o lúdico à matemática através da literatura.

Trabalhar com literatura nas aulas de matemática já é objeto de estudo de diferentes autores. Em seu trabalho **Era uma vez na matemática: uma conexão com a literatura infantil**, Smole e et al relatam os trabalhos de pesquisa no curso de Conteúdo e Metodologia da Matemática do CEFAAM da EEPSP Professor Ceciliano José Ennes, que tinha como objetivo que os “alunos desenvolvessem hábitos de leitura, pesquisa e criação de atividades matemáticas e que percebessem as possibilidades de estabelecer conexões entre a matemática [...] e outras áreas”.(1993, p. 1)

Dentro desse estudo Smole classifica ou agrupa os livros infantis em quatro categorias:

1ª ) Livros de contagem e os livros de números. Esses livros possibilitam a exploração de conceitos matemáticos.

2ª ) Livros de histórias variadas. Podem ser livros de folclore, contos de fadas ou fábulas.

3ª ) Livros conceituais. Específicos de matemáticas.

4ª ) Livros de charada.

Não é feita como vimos, uma classificação levando em conta o ensino de matemática pura e simplesmente, mesmo tendo entre os grupos livros para tal. A escolha do livro a ser utilizado não tem a matemática como critério primordial, já que ela pode estar implícita, explícita ou até mesmo inexistente. Mesmo que o objetivo central seja o ensino de Matemática, as autoras deixam clara a importância da leitura o que podemos destacar em alguns pontos:

Não devemos distorcer a história dando ênfase indevida a aspectos matemáticos e nem ter como objetivo aprender primeiro a matemática ou a língua materna, e sim as duas ao mesmo tempo; o professor deve ter gosto pela leitura, para assim conhecer as obras com as quais trabalhar; os alunos devem ser apresentados a ela para conhecê-la e se interessarem e nunca esquecer que acima de tudo deve prevalecer o prazer da leitura.

A necessidade da leitura pode ser justificada, pois:

É certo que a linguagem matemática consiste de símbolos bem definidos que representam conceitos fundamentais, mas também é certo que para expressá-los oralmente tomamos emprestados termos da língua materna que podem ter diferentes significados dentro e fora da matemática e para construir a compreensão da linguagem unidimensional da matemática faz-se necessário que o aluno tenha noção da diversidade de seu uso. (SMOLE, 1993, p. 4)

Esta diversidade no uso de termos é tratado por Machado (2001, p. 97-98), que os considera como termos “anfíbios, ora com origem em uma, ora com origem em outra”, em se tratando de Matemática e da língua portuguesa. Entre alguns exemplos temos:

Chegar a um denominador comum, dar as coordenadas, aparar as arestas, sair pela tangente, ver de um outro ângulo, retidão de caráter, o xis da questão, o círculo íntimo, a esfera do poder, possibilidades infinitas, perdas incalculáveis, numa fração de segundo, no meio do caminho.

A utilização de simbologia matemática por autores, para a criação literária, seja em narrativas ou na poesia é bastante comum, mas exige do leitor um conhecimento prévio dependendo dos termos utilizados, ou de acordo com Humberto Eco (1994) que se tornem leitores-modelo maduros. Como exemplo podemos citar o poema de Millôr Fernandes, Poema Matemático escrito em 1949.

Às folhas tantas  
do livro matemático  
um Quociente apaixonou-se  
um dia  
doidamente  
por uma Incógnita.  
Olhou-a com seu olhar inumerável  
e viu-a, do Ápice à Base,  
uma figura ímpar:  
olhos rombóides, boca trapezóide,  
corpo octogonal, seios esferóides.

Podemos analisar que, mesmo utilizando uma linguagem contendo termos específicos de matemática, há uma compreensão do objetivo do autor em uma história de amor, e podemos até visualizar a cena, e porque não até o formato do corpo feminino.

Fez da sua uma vida  
paralela à dela  
até que se encontraram  
no infinito.  
"Quem és tu?", indagou ele  
em ânsia radical.  
"Sou a soma do quadrado dos catetos.  
Mas pode me chamar de Hipotenusa."  
E de falarem descobriram que eram  
Ao que em aritmética corresponde  
(a almas irmãs)  
primos entre si.

No decorrer do poema os personagens se misturam aos conceitos matemáticos. As ações são descritas em linguagens de símbolos também matemáticos mas em nenhum momento um leigo no assunto deixa de captar a mensagem do poema.

E assim se amaram  
ao quadrado da velocidade da luz  
numa sexta potenciação  
traçando  
ao sabor do momento  
e da paixão  
retas, curvas, círculos e linhas sinoidais  
nos jardins da quarta dimensão.  
Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidianas  
e os exegetas do Universo Finito.  
Romperam convenções newtonianas e pitagóricas.  
E enfim resolveram se casar,  
constituir um lar,  
mais que um lar,  
um perpendicular.  
Convidaram para padrinhos  
o Poliedro e a Bissetriz.  
E fizeram planos, equações e diagramas para o futuro  
sonhando com uma felicidade  
integral e diferencial.  
E se casaram e tiveram uma secante e três cones  
muito engraçadinhos.(2009)

O autor continua descrevendo uma história de amor utilizando temas e expressões matemáticas que não interferem na compreensão do leitor.

E foram felizes até aquele dia  
em que tudo vira afinal  
monotonia. Foi então que surgiu  
O Máximo Divisor Comum  
Frequentador de círculos concêntricos,  
viciosos. Ofereceu-lhe, a ela,  
uma grandeza absoluta  
e reduziu-a a um denominador comum.  
Ele, Quociente, percebeu  
que com ela não formava mais um todo,  
uma unidade.  
Era o triângulo,  
Tanto chamado amoroso.  
Desse problema ela era uma fração,  
a mais ordinária.  
Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade  
e tudo que era espúrio passou a ser  
moralidade  
como aliás em qualquer  
sociedade.

A beleza deste poema sobre uma história de amor pode ser compreendida por aqueles que gostam de leitura, sem ser propriamente um entendido nas artes das matemáticas, mas com certeza estes o lerão com um olhar crítico diferente, não vendo só uma história de amor, mas uma linda combinação de partes ou personagens de um conhecimento matemático com uma linguagem literata.

## 2.2. O ROMANCE MATEMÁTICO

Moisés (1972, p. 22), ao término de suas notas preliminares sobre a análise literária, focaliza cinco pontos. Entre eles considera que a análise deve antes de tudo constituir um modo de ler, de ver o texto e de portanto, ensinar a ler e a ver. Malba Tahan em um de seus aforismos diz que a pessoa que não lê, mal fala, mal ouve, mal vê. Ensinar a ler implica conduzir o leitor a ver, a identificar no texto o mais importante sem, porém, julgá-lo ou utilizar adjetivos sem carga semântica.

Mesmo considerando que a literatura, que segundo Afrânio Coutinho (1976, p.8) “é uma arte, a arte da palavra, que não visa a informar, ensinar ou doutrinar, mas acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião”, por que não a matemática?

Podemos considerar que o prazer da leitura pode ser conquistado nas aulas através de narrativas, tendo como pano de fundo a matemática, nos chamados romances matemáticos.

O romance matemático que tem a matemática, implicitamente ou explicitamente inserida em sua narrativa, possui características próprias que podem ser notadas de acordo com sua inserção. Malba Tahan não foi o único a escrever romances matemáticos. Vários autores se dispuseram a escrever sobre o tema sendo matemáticos de formação ou literatos, sendo aqui descritos alguns deles.

José Bento Monteiro Lobato foi contista, ensaísta, tradutor e grande nome da literatura brasileira, nasceu na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, no ano de 1882. Formado em Direito, atuou como promotor público até se tornar fazendeiro, após receber herança deixada pelo avô. Diante de um novo estilo de vida, Lobato passou a publicar seus primeiros contos em jornais e revistas, sendo que, posteriormente, reuniu uma série deles em **Urupês**, obra prima deste famoso escritor.

Em uma época em que os livros brasileiros eram editados em Paris ou Lisboa, Monteiro Lobato tornou-se também editor, passando a editar livros também no Brasil. Com isso, ele implantou uma série de renovações nos livros didáticos e infantis.

Este notável escritor é bastante conhecido entre as crianças, pois se dedicou a um estilo de escrita com linguagem simples onde a realidade e a fantasia estavam lado a lado. Pode-se dizer que ele foi o precursor da literatura infantil no Brasil. Publicou em 1935, **Aritmética da Emilia**, no qual, utilizando uma linguagem acessível para crianças vai abordando conteúdos matemáticos ensinando números; decimais e frações, transformação de frações em números decimais e números mistos, operações com números naturais e decimais, a história da origem dos números, quantidades, raízes quadradas, dinheiro entre outros. aprofundando, de maneira sutil e prazerosa, em cada um deles.

Anticonvencional por excelência dizia tudo o que pensava o que lhe rendeu críticas e perseguições, fazendo com que abandonasse a literatura adulta e se

dedicasse à literatura infantil. Aproveitando-se de sua obra mais célebre **Sítio do Pica Pau Amarelo**, se expressou através de seus personagens:

Através de Emilia diz tudo o que pensa; na figura do Visconde de Sabugosa critica o sábio que só acredita nos livros já escritos. Dona Benta é o personagem adulto que aceita a imaginação criadora das crianças, admitindo novidades que vão modificando o mundo, Tia Nastácia é o adulto sem cultura, que vê no que é desconhecido o mal, o pecado. Narizinho e Pedrinho são crianças de ontem, de hoje e amanhã, abertas a tudo, querendo ser felizes, confrontando suas experiências com o que os mais velhos dizem mas sempre acreditando no futuro.(LOBATO, 2005, p.63)

Monteiro Lobato enveredou, em suas obras, para outras áreas do conhecimento; na história com os livros **História do mundo para crianças**, onde relata a evolução da humanidade e **História das invenções**, onde descreve o surgimento de algumas invenções criadas pelo homem; na geologia com o livro **O poço do Visconde**, relatando os mistérios da geologia; na mitologia grega com os livros **Os doze trabalhos de Hércules** volume I e II, e **O minotauro**; na língua portuguesa **Emília no país da gramática**, onde traça a língua portuguesa como um país abordando temas relacionados com a gramática; na física com o livro **Serões de Dona Benta**, ensinando a física de uma maneira simples e direta; além de folclore, geografia, literatura e matemática com o livro **Aritmética da Emília**.

Em **Aritmética da Emília** a história se passa na fazenda após a aventura ao País da Gramática. Visconde de Sabugosa, um dos personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo, se sentia na obrigação de inventar uma viagem, pois todos já o tinham feito e ele por se considerar um sábio famoso não podia deixar de realizar a sua. A idéia consistia em trazer o País da matemática ao sitio, em vez de realizarem mais uma viagem:

\_\_\_ A minha viagem \_\_\_ respondeu ele, é um pouco diferente das outras. Em vez de irmos passear no País da matemática, é o País da Matemática que vem passear em nós.

\_\_\_ Que idéia batuta! \_\_\_ exclamou Emília encantada. Todas as viagens deviam ser assim. A gente ficava em casa, no maior sossego, e o país vinha passear na gente. Mas como vai resolver o caso, maestro?

\_\_\_ Da maneira simples \_\_\_ respondeu o Visconde. Vou organizar um circo Sarrazani para que o pessoal do País da matemática venha diante de nós.

Inventei esse novo sistema porque ando reumático e não posso locomover-me. (LOBATO, 2005, p. 8)

Cabe ressaltar as expressões utilizadas pela Emília e pelo Visconde de Sabugosa, aonde a matemática viria do País da matemática passear “na gente” e não no sítio.

A matemática é apresentada tendo seus conteúdos transformados em artistas que se apresentarão em um circo de “faz de conta” (LOBATO, 2005, p.9), pois eles “são fáceis de arrumar” (LOBATO, 2005, p.9). Cada conteúdo matemático é apresentado sendo explicadas suas habilidades ora pelo apresentador, Visconde de Sabugosa, ora pelo próprio ser matemático, que se personifica para a apresentação. Foram várias apresentações, e nos intervalos havia debates, exemplificações e ações do cotidiano do sítio.

E assim entre chupar laranjas e decorar números, comer pedaços de doze avos de uma melancia ou fazer operações matemáticas no couro de Quindim como se fosse um quadro negro, se concretizava uma viagem alegre em um País considerado pelos homens como uma “grande laranja azeda de nome Matemática” (LOBATO, 2005, p. 9)

Monteiro Lobato foi influenciado na obra pelo fascínio que tinha por Malba Tahan, que já foi mencionado, e pela sua obra **O homem que calculava**, a ponto de terminar o romance matemático citando-o, ou até melhor, elogiando-o.

A lição foi interrompida pela chegada do correio com uma porção de livros encomendados por Dona Benta. Entre eles vieram os de Malba Tahan, um misterioso califa árabe que conta lindos apólogos do Oriente e faz as maiores piruetas possíveis com os números. Dona Benta passou a noite a ler um deles, chamado O HOMEM QUE CALCULAVA, e no dia seguinte, ao almoço, disse;

— Parece incrível que este árabe saiba tantas coisas interessantes a respeito dos números! Estive lendo-o até às quatro da madrugada e estou tonta. O tal homem que calculava só não calculou uma coisa: que com suas histórias ia fazer uma pobre velha perder o sono e passar a noite em claro. Livros muito bons são um perigo: estragam os olhos das criaturas. Não há como um “livro pau”, como diz a Emília, porque são excelentes narcóticos...

A criança assanhou-se com o Malba Tahan, de modo que o pobre Visconde de Sabugosa foi deixado às moscas. Emília declarou que o “O sabugosa Que Calculava” não valia o sabugo da unha de “O Homem Que Calculava”,...( LOBATO, 2005, p. 61)

É comum ver trechos das histórias do Sítio do Pica Pau Amarelo nos livros didáticos de Língua Portuguesa, mas não nos de Matemática.

Ainda no estilo classificado como romance matemático explícito pode-se citar Hans Magnus Enzensberger e seu livro **O diabo dos números** (2008). Hans Magnus Enzensberger é alemão, nascido em 1929. Mora atualmente em Munique, Alemanha. Estudou literatura, línguas e filosofia. Divide-se entre os estudos literários e a reflexão política. Iniciou sua vida como autor lançando as poesias **Verteidigung der Wölfe** (Defesa dos lobos) em 1957.

É considerado um dos mais férteis intelectuais europeus do pós-guerra. Entre suas obras publicadas no Brasil estão: **Guerra civil** (1994), de sociologia; **O naufrágio do Titanic**, poema lançado em 1977 feito de lirismo e prosa cotidiana; **Com raiva e paciência** (1985), **O curto verão da anarquia** (1987), **Eu falo dos que não falam**(1985), **Por onde você andou, Robert?** (1999), entre outros.

Em **O diabo dos números** (2008), que apesar do título não tem nada de satânico, o personagem principal é Robert, um garoto de onze anos que usa pijama de cor azul e que vivia tendo pesadelos. Um certo dia, em seus pesadelos, surge Teplotaxl, um diabo que parecia “um senhor bem velho e baixinho, mais ou menos do tamanho de um gafanhoto”, (ENZENSBERGER, 2008, p.11) de bigodes e que utilizava uma bengala “com castão de prata,” (ENZENSBERGER, 2008, p. 15) com a qual realizava suas magias. Ele não é o vilão da história, nem a matemática, mas sim o medo que as pessoas possuem dela. O enredo acontece em doze partes, no caso em doze sonhos e desde o primeiro sonho em que ele conhece o Teplotaxl, deixa bem claro que detesta matemática.

Os conteúdos de matemática que permeiam o livro não exigem do leitor um conhecimento prévio, o que é uma das características dos romances matemáticos provocar o prazer da leitura através de narrativas matemáticas para despertar a curiosidade do leitor, colocando-o em contato com uma matemática nem um tanto assim assustadora. Assim a linguagem utilizada é destinada não ao profissional da área, ou a um método pedagógico acadêmico, o que já é avisado no posfácio:

Nos sonhos, tudo é diferente do que é na escola ou na ciência. Quando conversam, Robert e o diabo dos números às vezes se expressam de maneira bastante singular. O que também não é de espantar, pois O diabo dos números é mesmo uma história incomum.

Não pensem, porém, que todo mundo entende o vocabulário desses sonhos! Os professores de matemática, por exemplo, ou os pais da gente. Se vocês disserem a eles que os números saltam ou que saltam para trás, eles não vão entender o que significa. Os adultos dizem essas coisas de uma forma bem diferente: em vez de números saltando falam em elevar um número ao quadrado ou em potências; e, em vez de saltar para trás, dizem extrair a raiz de um número. Os números primos chamam-se números primos mesmo, mas vocês nunca vão ouvir seu professor dizendo cinco bum!. Para isso, ele tem uma outra palavra, e dirá: cinco fatorial.( ENZENSBERGER 2008, p. 256)

Nesta obra de Hans Magnus o profissional de ensino é tratado com desdém tanto em seu aspecto físico quanto em seu profissionalismo. Ele retrata o professor Bockel, como um novato que dá aula sempre com fome, embora já seja bem gordo. Mostrando atitudes como comer roscas escondidas dentro da sala de aula.

Na ânsia de exaltar a matemática, que é considerada por uma grande maioria como um conteúdo que não desperta nenhum interesse, sendo motivo de tormento e medo, e isto é refletido na obra em vários momentos, e exemplificando temos o momento em que ele conheceu Teplotaxl e exclamou “\_ ... odeio tudo o que tenha a ver com matemática” (ENZENSBERGER, 2008, p. 11), e querendo expor que isso não é culpa da matemática nomeia o professor e o sistema como vilão destas concepções.

Colocada como disponível para qualquer um, a matemática continua ainda sendo acessível somente para alguns como podemos verificar, pois na décima segunda noite, Robert é convidado a uma festa, um grande jantar no paraíso dos números, mas esqueceu o convite sendo tranqüilizado pelo diabo dos números:

\_\_ Mas onde foi que enfiei meu convite? \_\_ perguntou-se Robert. \_\_ Acho que o esqueci em casa.

\_\_ Não tem importância \_\_ tranqüilizou-o o diabo dos números. \_\_ Aqui todo mundo que quiser realmente, pode entrar. Mas quem é que sabe onde fica o paraíso dos números? É por isso que só uns poucos encontram o caminho. ( ENZENSBERGER, 2008, p.238-239)

Como exemplo de um romance matemático, onde os conteúdos matemáticos aparecem implicitamente, temos as obras de Lewis Carrol com sua escrita nonsense

Lewis Carrol, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, foi professor da Universidade de Oxford, Inglaterra. Nasceu em Daresbury, Cheshire, Inglaterra, no dia 27 de Janeiro de 1832, além de matemático foi fotógrafo, poeta, lógico e romancista tendo falecido em 1899, no dia 14 de Janeiro em Guilford, Inglaterra. Sua obra mais famosa foi **Alice in Wonderland** (Alice no país das maravilhas).

Como Charles Lutwidge Dodson publicou as obras de caráter científico: **The fifth book of euclid treated algebraically** (1865/1868), (O quinto livro do tratado algébrico de Euclides), **The game of logic** (1887), (O jogo da lógica), **Curiosa mathematica**, (1888), (Matemática curiosa) e **Symbolic logic** (1896), (A lógica dos símbolos) entre outros, reservando o pseudônimo para suas obras de caráter não científico.

Como Lewis Carrol escreveu ainda: **Through the looking glass** (1871) (Alice através do espelho). Os poemas: **The hunting of the snark** (1876) que traduzido seria “A caça do cobrarão”, pois *snark* traduzido é cobra, e *shark* tubarão, que é um monstro simbólico; **Phantasmagoria and other poems** (1869), (fantasmagoria e outros poemas), **Uma história embrulhada**, que é dividida em 10 nós que são situações problemas envolvendo a lógica matemática, **Rhyme? and reason?** (1883), ( Rima? E razão?) e a novela **Syvie and Bruno** (1889).

Sua obra é de um estilo denominado *nonsense* que em inglês significa ausência de sentido ou sem sentido, é oriundo do termo francês *non-sense*, mas na verdade é uma “aparente ausência de sentido em sentenças gramaticalmente corretas” (CARROL, 2007, p. 139), onde ele é considerado um dos pioneiros junto com Edward Lear.

Edward Lear nasceu em Highate, zona do norte de Londres. Em 1831 começou a trabalhar como ilustrador para a Zoological Society of London e depois para o Museu Britânico. Publicou sete livros de viagens com ilustrações suas e três livros com desenhos de animais. Em 1846 escreveu seu primeiro livro **Book of Nonsense**, iniciando sua carreira literária na qual viria a se distinguir por desenvolver uma forma original de poemas de humor e absurdo e também por divulgar o *limerick* (poema de cinco versos com uma rima no primeiro, segundo e quinto e outra no terceiro e no quarto).

A obra de Lewis Carol explora os limites da linguagem simbólica escondendo no fundo, debaixo desta aparência, o *nonsense*.

O seu livro mais famoso, **Alice no país das maravilhas**, é uma narrativa acerca de uma menina cansada do seu cotidiano que passa por uma série de aventuras em um lugar fantástico, cheio de criaturas estranhas. Tudo começa em uma manhã em que vê um coelho branco correndo, apressado, falante e que sabia olhar as horas, pois possuía um relógio. Curiosa, Alice o segue e acaba caindo em uma toca enorme, que a levaria em um mundo repleto de seres diferentes e estranhos. O livro descreve os encontros e desencontros de Alice com os personagens do enredo que são: o rato, o Dodô, a arara, o aguieta, o lagarto, a lagarta, a duquesa, o gato risonho, o Dormidongo, a Rainha de Copas, o Rei de Copas, o valete de Copas, o Chapeleiro Maluco, A lebre de março e a tartaruga falsa. Mas no final tudo não passou de uma experiência onírica:

Mas descobriu que estava deitada perto da margem do rio, com a cabeça no colo da irmã, que carinhosamente tirava algumas folhas secas que tinham voado das árvores e caído no rosto dela.

\_\_ Acorde, Alice querida! \_\_ solicitou sua irmã. – puxa, como você dormiu pesado! (CARROL, 2007, p. 136)

Mesmo sendo considerada como uma literatura destinada ao público infantil, as análises profundas podem remeter a questionamentos variados, como “[...], lógicos ou semânticos, problemas psicológicos de identidade e até políticos, tudo sob a capa de aventuras fantásticas”.( CARROL, 2007, p. 140)

Apesar de não considerar **Alice no país das maravilhas** como um conto de fadas, o narrador vê a importância das fantasias oníricas na formação da identidade de uma criança ao descrever que a irmã, que podemos concluir que fosse mais velha que Alice, mesmo sabendo da realidade que a cerca, procura assim como Alice, viajar em um caminho de fantasia do qual ela acabara de guiá-la.

Então, ficou sentada ali, com os olhos fechados, e quase acreditando estar mesmo no País das Maravilhas. Mas sabia que bastava abrir os olhos para que tudo voltasse à realidade enfadonha: a grama se agitava somente pelo vento; as águas da poça se ondulavam apenas pelo remexer dos bambus soprados pela brisa; o tinido das xícaras se transformaria no soar dos sinos das ovelhas; e o gritos estridentes da rainha, na voz do pastorzinho. O espirro do bebê, o guincho do grifo, todos os outros sons estranhos se transformariam (ela bem sabia) no barulho que vinha da

fazenda vizinha... Enquanto os mugidos do gado ao longe tomariam o lugar dos soluços tristes da tartaruga falsa.( CARROL, 2007, p. 138)

Ao utilizar o real e o imaginário ao mesmo tempo, característica esta presente em quase toda sua obra, foi possível inserir, de uma maneira implícita, questões de lógica matemática, sendo talvez por isso considerado “o primeiro professor a enveredar pelos caminhos da literatura matemática”.(TEIXEIRA, 2007, p. 13).

### 3 MALBA TAHAN: UM GRANDE CHEIQUE EL-MEDAH

A expressão *Cheique el-medah* significa o chefe dos contadores de histórias. É comum nas aldeias um dos habitantes ter a função de contar histórias para todos. Havia neste ato de contar histórias todo um ritual que dava a ele a majestade de um sacerdote antigo. Considerando Malba Tahan com um eterno contador de histórias tomamos a liberdade de chamá-lo de *cheique el-medah*.

#### 3.1 O AUTOR MATEMÁTICO

Nascido em 6 de maio de 1895 no Rio de Janeiro, até então capital da República Federativa do Brasil, Julio César de Mello e Souza, constituiu a matemática, disciplina por muitos temida e atemorizadora, inclusive por ele mesmo quando criança, seu objeto alvo na trilha que seguiria no caminho da literatura.

É o quinto de nove filhos do casal João de Deus de Mello e Souza, professor e funcionário do ministério da justiça e da dedicada professora Carolina Carlos de Mello e Souza, ou dona Sinhá, como era carinhosamente chamada. Passou sua infância, junto com a família em Queluz, uma pequena e agradável cidade serrana de São Paulo, às margens do Rio Paraíba do Sul e da Rodovia Presidente Dutra, quase na divisa com o Rio de Janeiro.

Seu pai, ainda jovem, funcionário de um estabelecimento industrial é encarregado, por seu patrão, de guiar um fazendeiro vindo da cidade de Queluz a realizar compras na cidade do Rio de Janeiro. Durante o período das compras, João de Deus manifestou interesse em mudar de emprego, pois não se encontrava contente com o seu serviço, no Rio de Janeiro. Sensibilizado, o senhor Cirino o convidou para que fosse com ele para Queluz, a fim de abrir um curso para os filhos de fazendeiros, pois, naquela região não havia professores nem colégios. Seguiram então rumo a Queluz, João de Deus e seu irmão Irineu, onde juntos fundaram o Colégio João de Deus, que no início já contava com cerca de quarenta alunos em regime de internato.

Nesta mesma época, residindo em Queluz, conhece a jovem Carolina, que era sobrinha do tabelião Carlos da Silveira e que regia uma das escolas provinciais do município. Em poucos meses os dois estavam casados.

Com o advento da Abolição da Escravatura, instala-se uma grande tensão na região entre os fazendeiros de café o que provoca uma redução de quase um terço na turma do Colégio João de Deus, sendo inevitável o seu fechamento. Após o fechamento da escola João de Deus assumiu o cargo de terceiro oficial da Secretaria da Justiça, no Rio de Janeiro, fazendo com que, após muita reflexão, Dona Carolina pedisse demissão do cargo e, junto com a família mudasse para o Rio de Janeiro.

Novamente, após três anos, aconteceu nova crise financeira que obrigou a família Mello e Souza, menos o patriarca, a voltar para Queluz, visto que o custo de vida era menos oneroso. João de Deus continuou suas funções no Rio de Janeiro visitando periodicamente sua família em Queluz.

“Julinho”, como era carinhosamente chamado por seus familiares, passou a infância em Queluz, onde fez o primário. Gostava muito de acompanhar procissões. Figurando em lugar de destaque, nutria grande amizade pelo vigário o qual influenciou sua formação religiosa.

Dentro de manias ou caprichos de criança, possuía uma coleção de sapos, os quais treinava e que foi desfeita na época em que fora estudar no Rio de Janeiro. Isto lhe provocou muita tristeza, mas não lhe tirou o aspecto alegre, pois refez a coleção, mas com sapos de madeira, jade, cristal, louça e outras e se referia a este episódio relatando que fizeram com ele uma “sapotagem”.

Aos dez anos de idade editava uma “revistinha” denominada **Erre**, que continha histórias e jogos. Seu conteúdo provocativo indicava que ele queria fazer concorrência com seu irmão Rubens, que editava outra “revistinha” chamada **Mez**. Sua caligrafia estava acima da de um garoto de sua idade, escrevia bem dando pistas de um futuro redator criativo e próspero, e assim iniciava sua vida literária. Os primeiros números tinham como redator Júlio César de Mello e Souza, mas a partir de sua ida para o Rio de Janeiro, só editava quando estava de férias, passou a assinar, nos últimos volumes, Salomão IV, dando início à origem de toda sua mistificação literária.

Em 1906 se matricula no Colégio Militar, sendo colega de turma de Osvaldo Aranha, que foi Ministro do Exterior, chanceler do Brasil. Impressionava a todos,

quando visitava a família, colocando seu uniforme vistoso de frisos vermelhos, botões dourados e alto boné, divertindo contando fatos de sua vida colegial.

Estudou no colégio militar até 1909, quando saiu e foi para o Colégio Pedro II em regime de internato, onde cursou humanidades. “Foi um desastre completo nos números” de acordo com Villamea (1995, p. 12). Mas foi no colégio Pedro II que teve sua carreira de escritor deslanchada, pois segundo Villamea :

Um dos maiores incentivadores da carreira de Júlio César, foi seu pai, João de Deus de Mello e Souza. Ou, explicando melhor, a modesta mesada que seu pai lhe dava nos tempos de colégio. [...] Para comprar chocolate, por exemplo, o jovem Júlio economizava na condução durante o final de semana. Nessa época Júlio descobriu a mina que tinha nas mãos. Um dia, um colega de classe mais endinheirado, mas fraco na escrita, pediu-lhe uma redação que desprezara, Esperança. Em troca, deu ao autor um selo do Chile e uma pena de escrever nova em folha. Era o início de um lucrativo negócio. Depois do episódio, para cada tema lançado pelo professor, o criativo Júlio César fazia quatro, cinco redações e as vendia a 400 réis cada. (1995, p. 10)

Júlio César estava sempre produzindo novas histórias. Com o passar do tempo, sua mãe, Dona Carolina, ficara com a saúde debilitada e os filhos resolveram organizar, durante o período de férias, jogos e exercícios ao ar livre, sendo que cada um auxiliava de acordo com suas aptidões. Para Júlio César ficava o encargo de contar suas histórias, segundo João Batista Mello e Souza:

Seguiam-se as telúrias jocosas, em que eu e o Júlio contávamos longas histórias exibindo, como prova provada dos portentosas episódios, os desenhos do Rubens. [...] Com esforço consegui forjar umas quatro ou cinco histórias, mas eu próprio as considerava abomináveis, ou por muito trágicas, como “O fogo do céu”, [...]. Transferi, um dia, o encargo para o Júlio, que revelara mais pendor para o gênero. [...] Ao cabo de um quarto de hora estava contada e comentada a notável história da “Pequena luz azul”, que passou a figurar no repertório do orador. E assim foi este adquirindo os recursos que, mais tarde, aperfeiçoados, lhe forneceram o assunto de uma boa dezena de livros. [...] Ninguém é profeta em sua terra, e muito menos em sua casa, estava escrito que meu irmão seria um autor de copiosa obra literária, e detentor de duas cátedras de matemática. Maktub!( MELLO E SOUZA, 1949, p.63,87-90)

Fez o curso de Professor Primário na antiga Escola Normal do Distrito Federal, hoje Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Em 1913 matriculou-se na antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro, tendo concluído o curso de Engenheiro Civil, mas nunca exerceu a profissão. Enveredou-se por diversas áreas tendo se matriculado, em 1915, na Escola Dramática Municipal – Distrito Federal, sendo colega de curso de Procópio Ferreira, famoso ator e diretor de teatro, não o concluiu por motivo de força maior.

Em 1925 casou-se com Dona Nair de Mello e Souza que fora sua aluna de Geometria na Escola Normal, tendo três filhos: Rubens Sérgio de Mello e Souza, Sônia Maria de Mello e Ivan Gil de Mello e Souza.

Iniciou suas atividades ainda estudante no Colégio Pedro II como servente e auxiliar interino da Biblioteca Nacional. Em 1913 assumiu como professor, turmas suplementares do Externato da própria escola. Durante quatro anos lecionou em escolas públicas. De 1925 a 1930 foi professor no Serviço Nacional de Assistência aos Menores (SAM), entidade que atendia a menores carentes, na Escola João Luiz Alves, trabalhando com menores delinqüentes. Aprovado em concurso público para o cargo de professor de matemática no Colégio Pedro II atuou por doze anos. Lecionou no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, ministrando aulas de Matemática, literatura infantil e Folclore. Nesta escola, instituiu uma nova disciplina, a Arte de Contar Histórias. Em 1926 é nomeado professor na Universidade do Brasil (Escola Nacional de Belas Artes). Mais tarde foi transferido para a Faculdade Nacional de Arquitetura, recebendo o título de Professor Emérito da mesma. Trabalhou como professor durante oito anos nos cursos da Companhia De Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES), lecionando Didática Geral e Didática da Matemática. Foi professor de Colégios particulares, religiosos e de escolas técnicas. Antes de ser professor de matemática, lecionou História e Geografia e Física, durante quatro anos na escola Álvares de Azevedo. Foi ainda apresentador de programas nas rádios: Nacional, Clube e Mairynk Veiga do Rio e da TV Tupi (Rio) e Canal 2 (TVC – São Paulo).

Foi premiado pela Academia Brasileira de Letras, pela obra **O Homem que calculava**, 25ª edição no ano de 1972. Ocupou a cadeira número oito da Academia Pernambucana de Letras.

Editou durante cinco anos a revista **Al-kwarizmi** de recreações matemáticas; a revista **Lilivati**, também dedicada à Matemática, e por dez anos a revista Damião,

dirigida aos hansenianos, os quais visitava em suas colônias e era enviada a todos os leprosos do Brasil e Portugal. Um de seus livros aborda a questão dos hansenianos **O mistério do Mackenzista**: um estranho caso policial. Ainda era colaborador em dezenas de revistas e jornais, tais como: **O Diário da noite**, **O cruzeiro**, **O correio da manhã**, **Última hora**, **A noite**, **Jornal do Brasil**, entre outros. Como palestrante realizou mais de duas mil conferências em todo o Brasil.

No dia 18 de junho de 1974, faleceu Júlio César de Mello e Souza, em Recife. Convidado pela Secretaria de Educação do estado de Pernambuco para ministrar um curso sobre a arte de contar histórias, no colégio Soares Dutra, sentiu-se mal no Hotel Boa Viagem ao qual havia se dirigido após a palestra. Foi enterrado no Rio de Janeiro no dia 19, no cemitério São Francisco Xavier (Caju).

Júlio César de Mello e Souza era muito criativo. Desde criança criava personagens de nomes estranhos que muitas das vezes não tinham nem um papel coadjuvante no enredo da história, tais como Mardukbarian, Orônsio, Protocholóski, entre outros.

Como colaborador do jornal **O imparcial**, levou para o secretário do mesmo uns contos propondo sua publicação. Os contos ficaram por vários dias ignorados sobre a mesa da redação. Logo ele se viu obrigado a lidar com o descrédito. Sem fazer nenhum comentário, no dia seguinte, reapareceu no jornal. Trazia os mesmos contos, mas com outra autoria. Em vez de J.C. de Melo e Souza, assinava R. S. Slade, um fictício escritor americano. Entregou os contos novamente ao editor, dizendo que acabara de traduzi-los e que faziam grande sucesso em Nova York. O primeiro deles, A vingança do judeu, foi publicado já no dia seguinte – e na primeira página. Os outros quatro tiveram o mesmo destaque.

Após o ocorrido Júlio César notou que precisava usar outro nome, já que seus contos orientais, que estavam prontos para publicação, não fariam sucesso com a assinatura de um autor brasileiro, e aí surgiu Malba Tahan que possui como nome completo Ali Yezid Izz-Eddin Ibn-Salin Hank Malba Tahan. Para aprimorar sua mistificação teve aulas de árabe ministradas pelo Dr. Jean Achar e estudou o **Talmude** e o **Alcorão**, durante o período de 1918 a 1925, quando também publicou seus contos. O mistério em volta de Malba Tahan ajudou no enorme sucesso neste período e somente em 1925, após a publicação de seu primeiro livro, que continha seus melhores contos publicados, **Contos de Malba Tahan**, editado pela Lux Editora do Rio de Janeiro, o Brasil conheceu quem era na verdade Malba Tahan.

Seu heterônimo é constituído por significados por ele explicados. Malba seria o nome de um oásis e Tahan significa moleiro, aquele que prepara o trigo, mas este nome lhe foi sugerido por uma de suas alunas que tinha como sobrenome, Maria Zechsuk Tahan. Mas seu nome é carregado por muitos significados conforme destacou João Batista de Melo e Souza no relato de Saraiva (2002).

O nome Tahan, inspirado no sobrenome de sua aluna Maria Zuchsuk Tahan, significado “moleiro”, isto é, aquele que prepara o trigo, ou o dono do moinho, ou indivíduo que mói cereais por ofício. Entretanto, filólogos e arabistas divergem sobre o verdadeiro significado da palavra Malba. O livro **Description de L’Arabie**, volume II, de 1756, do renomado historiador Niebuhr destaca o referido nome como sendo a denominação de um pequeno oásis no Iêmen. O professor Jamil Safadi informa que Malba significa aprisco, isto é, toca, ou esconderijo de ovelhas. O poeta libanês Assad Bittar, destaca que a palavra Malba, em árabe, denomina a raiz de uma planta da família das *marantíci*as de onde se extrai uma farinha alimentícia. (Conforme o Aurélio, estas são plantas tropicais monocotiledôneas de belas folhagens, de que existem 400 espécies). Sabe-se que o significado mais aceito de Malba Tahan é o “Moleiro de malba”. Complementando estas informações sobre o significado deste nome sabendo-se que *Ibn* significa filho e *Hank*, em inglês novelo ou meada, como sendo Filho de Salin meadeiro moleiro de Malba. Observa-se que na dedicatória do livro **O homem que calculava**, o nome de Malba Tahan vem precedido das palavras árabes *el-hadf* e *cherif*, que são atribuições a quem já fez a peregrinação a Meca e título de pessoa nobre, respectivamente. Note-se também que o nome Edin é parte do nome do mais admirado poeta árabe, Mourad Eddine Elussein. Iesidn por sua vez, era nome do cheique que morreu combatendo a invasão em Bagdad em 1928. No rodapé da página 107 da 22ª edição do livro O homem que calculava o tradutor B.A.B. afirma que nominalmente Malba Tahan é bisneto de um certo Salin Hank.

Outra característica de seu nome é a numerologia. Apesar de Malba Tahan afirmar em depoimento ao Museu da Imagem e do Som que não acredita em numerologia, acabou por realizar algumas para um jornal, mas se arrependeu amargamente. A característica da numerologia no nome de Malba Tahan é considerada por Saraiva:

Observando detalhes no pseudônimo completo pelo Prof. Júlio César, Ali Izzid Izz-Edin Ibn Salin Hank Malba Tahan, este contém 8 palavras seqüenciadas em 3,5,7,3,5,4,5,5 perfazendo um total de 37 letras e mais um sinal(-). Dentre as 13 letras usadas neste nome, a freqüência com que elas aparecem é a seguinte: 7A, 3L, 7I, 2E, 3Z, 2D, 5N, 2B, 1S, 2H, 1K, 1M, 1T. Dentre as 37 letras no nome completo a que ocupa o centro, é a letra S (Salvador), ficando ladeada pelas 18 outras. De início, pensava uma estranha correspondência entre as letras do nome com as iniciais dos nomes, das personagens do quadro A Santa Ceia de Leonardo da Vinci ( T, Tomé; M, Mateus; A, André; etc...). Nas jóias gnósticas trazem o nome de Deus com 13 letras: ABLNA TH ANALBA. Muito sugestivo observando TH ANALBA em confronto com MALBA TAHAN, fato que pode ser mais profundamente investigada nas obras do autor, onde é notório seus conhecimentos das lendas sagradas esotéricas e a busca de ser um cristão perfeito. (2002, p 17):

A ligação de Júlio César com Malba Tahan foi tamanha que podia se confundir autor com obra. Em suas personificações Júlio chegava a utilizar roupas e ambiente caracterizados. Seu sucesso fez com que o Presidente Getúlio Vargas decretasse de forma especial que a justiça introduzisse o heterônimo em sua carteira de identidade. Malba Tahan teve uma biografia elaborada e descrita na introdução do livro **Minha vida querida**. É relatado que esta biografia foi retirada de um suposto livro **Cresmothie árabe** do Dr. A. Van Gennepe.

Ali Yezid Izz-Edin Ibn-Salin Hank Malba Tahan, foi um famoso escritor árabe, descendente de tradicional família muçulmana, nascido no dia 6 de maio de 1885, na aldeia de Muzalit, nas proximidades da antiga cidade de Meca. Fez os seus primeiros estudos no Cairo, e, mais tarde, transportou-se para Constantinopla, onde concluiu oficialmente seu curso de Ciências Sociais onde datam dessa época seus primeiros trabalhos literários, que foram publicados, em idioma turco, em diversos jornais e revistas. A convite de seu amigo, o Emir Abd el-Azziz bem Ibrahim, exerceu Malba Tahan, durante vários anos, o cargo de *quaimaçã*, que corresponde atualmente ao cargo de prefeito, na cidade de El-Medina, Conseguiu, mais de uma vez, evitar graves incidentes entre os peregrinos e autoridades locais; e procurou sempre dispensar valiosa e desinteressada proteção aos estrangeiros ilustres que visitavam os lugares sagrados de *Islan*. Pela morte de seu pai, em 1912, recebeu Malba Tahan uma grande herança; abandonou, então, o cargo que exercia em El Medina e iniciou uma longa viagem através de várias partes do mundo. Atravessou a china, visitou o Japão, percorreu a Rússia e grande parte da Índia, observando costumes e estudando as tradições dos diferentes povos. Entre

suas obras mais notáveis, citam-se as seguintes: **Roba-el-Khali, Al-Samir, Sama Ullah, Maktub, Lendas do deserto, Martyres da Armênia** e muitas outras. Foi ferido e morto em combate em julho de 1921, nas proximidades de El-Riad, quando lutava pela liberdade de uma pequena tribo da Arábia Central.

A criação de uma biografia tão minuciosa para um heterônimo nos induziu a procurar as razões e influências que levaram a tal construção. Levando em consideração a crítica genética que tem como pilar de pesquisa os documentos deixados pelo autor e que ela surgiu com o desejo de compreender o processo de criação do mesmo a partir dos seus registros durante seu percurso e que de acordo com Salles (2008, p. 19-20) “sempre exercerá um certo fascínio sobre os receptores das obras de arte e sobre os próprios criadores” procuramos entender este processo a partir dos eventos que foram, de certa forma, marcantes na formação e criação deste heterônimo, que de acordo com Salles é:

Uma série de acontecimentos interligados, que levam à construção da obra: estamos diante de um objeto móvel, um objeto em criação. Na relação entre esses registros e a obra entregue ao público encontramos um pensamento em processo. E é exatamente como se dá essa construção o que nos interessa (2008, p. 34).

Como vimos, desde a mais tenra infância, Malba Tahan ou Júlio César, teve influências que o levaram a utilizar destes processos de criação. Seu espírito criativo foi alicerçado por características bem claras tais como pais, professores, a amizade religiosa e suas primeiras leituras.

A escolha do estilo literário pode ser justificada, além dos gostos na infância, ao fato da grande ligação da matemática com o oriente. É comprovada a grande influência da cultura árabe na implementação da álgebra para a Europa, introduzindo os algarismos árabes dos hindus, desenvolvendo calendários que foram aperfeiçoados e outras contribuições.

O Professor Frederico Arditi (LENDAS ORIENTAIS, 1942, p.56) descreve o Oriente como uma sedução contínua e fantástica que se alia ao real de uma maneira que não se sabe onde inicia a realidade ou onde acaba a ilusão descrevendo em seu comentário sobre a feliz escolha do pseudônimo, Malba Tahan, por Júlio César e considera a alma oriental misteriosa e desconhecida.

Mas a cultura árabe é carregada de significados. De acordo com Jabri (1999), a concepção da relação tradição-modernidade, a partir do que ele entende por tradição, o *turāth*, que não é apenas uma “coleção de rastros do passado”, mas antes um todo cultural que compreende “uma fé’, uma lei, uma língua, uma literatura, uma razão, uma mentalidade, um apego ao passado, uma projeção para o futuro entre outros. Desse modo, ele rejeita o “fundamentalismo”, que se propõe reconstituir o presente a partir do modelo do passado e o “liberalismo” árabe, que reivindica o presente europeu, relegando o passado “sem dele ter-se realmente libertado”(p.13).

Vemos então que a tradição para o povo árabe retrata sua própria vida, sua existência. O “todo cultural” abordado por Jabri mostra-se como a essência da sobrevivência, da subsistência e da transcendência desse povo. Nesse caminho, podemos ter nossa própria leitura da tradição e da cultura árabe. Uma leitura que dignifica, legitima, afirma e propaga as contribuições do povo árabe sobre sua própria cultura e sobre matemática. Conduzir o mundo e a cultura árabe para o contexto da matemática como uma etnomatemática já é algo onde podemos iniciar uma nova leitura e elevar o “todo cultural” desse povo reconhecendo suas contribuições..

Sua capacidade de encantar e se deixar levar pelo heterônimo conseguiram, carregar auras de mistérios e dúvidas como descritos por Humberto de Campos

Árabe ou não, nascido nos arrabaldes da metrópole do Islam, quando sua família ali se achava em peregrinação, ou natural de Queluz, em São Paulo, de onde veio, quando pequeno ainda, para o Rio de Janeiro \_ o certo é que o Sr Malba Tahan é, hoje, um dos escritores mais populares do Brasil. (LENDAS ORIENTAIS, 1942, p 72):

E confirmados nos comentários de Norival de Aguiar.

Fino, asseado, sentimental, dando às suas adoráveis historietas o típico sabor das cousas do Oriente, esse mago de pena de ouro, fantasioso e sutil, seduziu toda gente. E, aqui ficou. Mas, ninguém sabe, afinal, quem seja esse enigmático “servidor de Alá”, que por ai anda. Homem ou mulher? Mulçumano ou francês? Russo ou espanhol? Alemão ou chileno? E quem nos garante não ser ele um pacatíssimo cidadão brasileiro,

funcionário público aposentado, ou simples empregado de comércio, que escreve nas horas vagas? (LENDAS ORIENTAIS, 1942, p 45):

Assim Malba Tahan não surgiu em um passe de mágica ou de um conto de mil e uma noites, ele é fruto de um trabalho de investigação e estudo de uma profunda influência dos acontecimentos e fatos durante sua vida. Ele aborda, em suas obras, a religião, a moral cristã, as formas narrativas dos contos, as leis, as artes, a matemática, a política, os significados e valores próprios da cultura árabe.

Juntos, ele e seu heterônimo, Ali Yezid Izz-Edin Ibn-Salin Hank Malba Tahan e mais alguns colaboradores tais como: Cecil Thiré, Euclides Roxo, Nicanor Lemgruber, Irene de Albuquerque, Manoel Jairo Bezerra, Ceres Marques e Jurandir Paes Leme, publicaram ao longo da vida aproximadamente 140 livros (ver Anexo A). Sua obra é bastante diversificada tratando de: matemática, didática, contos orientais, contos infantis, teatro, religião, Brasil, ética e numerologia.

Malba Tahan afirma ao leitor que

[...]grande sempre é a responsabilidade de quem escreve! Mas se é religioso o livro que atira às multidões, essa responsabilidade assume proporções quase infinitas. Semear idéias religiosas é dirigir consciências. E dirigir consciências é orientar o homem nos problemas do seu destino, cuja incógnita se resolve na tremenda alternativa de duas eternidades, uma infinitamente feliz, outra infinitamente desventurada.” Tahan (1964, p.7-8)

Sobre a moral Cristã, ele destaca algumas virtudes e escreve sobre pureza, fé e obras, amizade, obediência e humildade

Júlio César sempre se preocupava com os escritores nacionais de pouco renome fazendo questão de citá-los em sua obra, além é claro dos renomados. Em sua obra **A lua: astronomia dos poetas brasileiros** (1955), faz uma antologia da lua sob três aspectos: científico, poético e folclórico citando mais de cinquenta poetas brasileiros, portugueses, franceses, alemães e outros com poemas relacionados à lua, sol, céu, estrela, entre outros. Sempre à procura do novo tinha o costume de convidar os leitores a enviarem poemas e obras de autores desconhecidos,

Em **A sombra do arco íris** volume I e II, o prólogo nos adverte que apesar da obra incluir “mais de um milheiro de poetas” (1953, p. 5), é bem provável que

uma ou outra obra conhecida do leitor não esteja nela contemplada, pelo fato de não serem “[...] encontradas ou não chegaram ao conhecimento do autor [...]” (1953, p. 6)

A aplicação da matemática dentro da literatura, uma inovação por parte de Júlio César, cria uma nova discussão sobre como se pode ensinar matemática de uma maneira diferente. Este procedimento, pode contribuir para a educação matemática, na época já sendo discutida com uma subárea da Matemática e da Educação no mundo, já que seu objeto de estudo, que é definido por Costa (2007) está “na relação entre ensino, aprendizagem e conhecimento matemático.”

Monteiro Lobato em sua carta datada em janeiro de 1939, comentando a obra **O homem que calculava**, descreve:

O “O homem que calculava” já me encantou duas vezes e ocupa lugar de honra entre os livros que conservo. Falta nele um problema \_\_ o cálculo da soma de engenho necessária para a transformação do deserto da abstração necessária em tão repousante oásis. Só Malba Tahan faria obra assim, encarnação que ele é da sabedoria oriental \_\_ obra alta, das mais altas, e só necessita de um país que devidamente a admire; obra que ficará a salvo das vassouradas do tempo como a melhor expressão do binômio “ciência-imaginação”.(LENDAS ORIENTAIS, 1942, p. 65)

Ele já entrevia uma diferença entre uma linguagem abstrata usada pela ciência, e a linguagem significativa, que é ligada à imaginação, tema este, que naquela época não era conjeturado pela maioria dos professores de matemática.

Este novo campo do saber, uma subdivisão da matemática, é “mais complexo do que aparenta. É uma confluência de múltiplos saberes [...] Sociologia, Filosofia, Lingüística, Epistemologia, Antropologia, Psicologia.” (COSTA, 2007)

Neste caso, explicitando, podemos considerar que a Matemática toma parte na elaboração da Educação Matemática ao se preocupar com o conteúdo e estrutura do saber científico a ser ensinado, a Psicologia trata do desenvolvimento do indivíduo e dos processos de ensino e aprendizagem da Matemática, e a Lingüística pode ajudar na compreensão da natureza de certas dificuldades de aprendizagem

O surgimento da Educação Matemática no Brasil teve início a partir do Movimento da Matemática Moderna, disseminado em várias partes do mundo, mais

precisamente no final dos anos 70 e início dos 80 do século XX. Em meado dos anos 80 surge a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM) e os primeiros programas de pós-graduação em Educação Matemática. Mas seu surgimento ocorreu, de acordo D'Ambrósio apud Costa (2007, p.3):

[...] a partir das 3 grandes Revoluções da Modernidade, a Revolução Industrial (1767), a Revolução Americana (1776) e a Revolução Francesa (1789), as preocupações com a Educação Matemática da juventude começam a tomar um rumo próprio”[...].

D'Ambrósio afirmar ainda que até então, falar sobre o ensino de Matemática era competência dos matemáticos inseridos nas Universidades. Mas no final do século XIX, com a necessidade imperativa de formar uma grande quantidade de professores qualificados para atender à demanda dos sistemas escolares difundidos, as Universidades começam a ampliar seus programas de formação de professores. A Educação Matemática como um campo de estudo, então, tem sua origem. A identificação da Educação Matemática como uma área de extrema importância na educação ocorre, pois, na transição do século XIX para o século XX.

Neste campo de estudo, interdisciplinalizando a matemática com as outras disciplinas, incluem-se às questões da preocupação com a aprendizagem, utilizando-se a literatura como instrumento para melhora na decodificação da simbologia matemática. Esta aplicação, pode ter em Malba Tahan um grande divulgador, pois apesar de ter escolhido a Matemática como conteúdo a ser ministrado por ele como professor, nunca deixou de ser um contador de história.

Não podemos afirmar que Júlio César seja um educador da matemática moderna já que ele se situa, cronologicamente, bem antes do surgimento da educação matemática no Brasil, mas de acordo com Cruz apud Costa que

[...] , caracteriza a Educação Matemática como prática e área de investigação que surge da necessidade de produzir resultados práticos que ajudem a melhorar o ensino e aprendizagem como um corpo de conhecimento e produzir um corpo de conhecimento que explique a natureza dos fenômenos que ocorrem no ensino e aprendizagem da Matemática.( 2007, p. 4)

Podemos, considerando que durante toda sua vida como professor Júlio César estava sempre procurando um meio de melhorar a didática do ensino de matemática, utilizando a literatura como uma de suas armas, ele estava trabalhando com Educação Matemática bem antes dela ser colocada em prática no Brasil, o que talvez justifique as polêmicas por ele provocadas na convivência com os profissionais de Matemática à época.

Uma das polêmicas aconteceu à época da instituição da primeira lei nacional de ensino – Reforma Francisco Campos – no início da década de 30 que instituía um currículo nacional, caracterizando pela primeira vez a disciplina Matemática, resultado da integração dos conteúdos independentes aritmética, álgebra e geometria, entre os professores Júlio César de Mello e Souza e Jacomo Stávale.

Neste debate Júlio César critica uma coleção de livros didáticos de matemática do então colega de profissão, levantando as questões de exagero de teorias e rigor nos textos didáticos que iam de encontro ao movimento renovador do ensino da matemática no mundo.

Júlio César apoiou o movimento renovador do ensino de matemática. Seu nome figurava desde o início nas propostas de mudança, que em 1929 é implantada no Colégio Pedro II, e “Com a revolução varguista, a reforma circunscrita à instituição modelo do ensino secundário ganha caráter nacional” (VALENTE, 2003, p 164)

A discussão sobre quem deve ou não deve estar no cânone hoje no Brasil levanta questões sobre a literatura de escritas femininas, indígenas, negras, homossexuais e o que deve ser publicado pela indústria do livro. Já no início do século XX, Oswald Paixão, utilizando a obra *Lendas Orientais*, 1942, crítica à indústria do livro. Para ele havia na época que as indústrias do livro não se preocupava com a qualidade mas sim com a quantidade e os sensíveis, de gosto literário apurado, não eram em número que garantia a vida das casas editoras. Mas, entre a reduzida minoria dos realmente cultos, e a imensa maioria dos absolutamente ignorantes encontravam-se uma considerável multidão de indivíduos apenas analfabetos, e poucos mais, que, não sabendo pensar, todavia sabem ler, mas leria o que, essa gente?

Bem haja, portanto, um escritor como esse malba Tahan, cujas páginas invadem todos os redutos, que os da cultura, quer os do semi-analfabetismo.

Nada lhe falta para agradar os leitores de poucas luzes.

Imaginação, graça, simplicidade no dizer...

Sobra-lhe tudo para ser do agrado dos leitores cultos.

Erudição, filosofia, moralidade ...(p.13)

Sendo considerado um autor com capacidade de agradar tanto aos mais cultos quanto aos menos privilegiados, Malba Tahan foi um grande contador de histórias. Ele escreveu e adotou metodologias para serem aplicadas principalmente em histórias infantis, o que podemos considerar como uma metanarrativa na literatura infantil.

A metanarrativa é um texto narrativo no qual o escritor escreve uma história e comenta os processos que usa ao fazê-la: como urdiu o enredo, como achou as personagens, como escolheu os nomes, se inventou ou reinventou alguma técnica narrativa, ou seja, fala sobre si mesmo, critica a si mesmo.

Malba Tahan em seu livro **A arte de ler e contar histórias** define, classifica, determina, relaciona a história infantil. Como definição ele descreve:

Certamente, uma travessura infantil será peraltice praticada por crianças, admissível, portanto, em vista da imprudência ou da inexperiência próprias da idade. Mas uma “história infantil” não ‘resulta de um trabalho elaborado por crianças, mas fruto de inteligência já cultivada e amadurecida, de quem conhece, por estudo ou por intuição, as qualidades ou requisitos que devemos encontrar numa narrativa destinada a crianças. (TAHAN, 1964, p, 9)

Mas Malba Tahan utiliza uma gama de autores, legitimando assim suas colocações, que definem a história infantil, já que ele considera que a utilização dos mesmos é de suma importância, considerando que o problema de sua utilização envolve muitos outros e complexos problemas subsidiários.

Tendo como aplicação o livro **Amigos maravilhosos** (1965), que no subtítulo traz seu objetivo, novela infantil de Malba Tahan, verifica-se a aplicação dos elementos essenciais por ele considerado na metanarrativa.

Ele enfatiza que numa história infantil deva se destacar quatro elementos essenciais: Introdução, enredo, ponto culminante e desfecho.

Na introdução o objetivo é a apresentação da história no tempo e no espaço e das principais personagens. Em **Amigos maravilhosos** temos na apresentação do espaço:

Para além do rio dos Bastiões existe, esquecida nos longínquos sertões do Ceará, uma vila que se denomina Acare. Ergue-se, perto desse lugarejo, uma negra montanha escarpada, toda de pedra, cujo cume os homens mais temerários não ousam escalar. (TAHAN, 1965, p. 5).

A apresentação dos personagens da história e sua caracterização. Como temos “Em Açaré vivia um menino muito bom, chamado Pedrinho. Era obediente, trabalhador e devotado amigo dos pais”.(TAHAN, 1965, p. 5).

Toda esta apresentação é dada no capítulo um do livro e deve ter “uma frase inicial que seja simples, sugestiva e de acentuada e motivadora originalidade” (TAHAN, 1964, p. 87).

Tahan (1964) cita no capítulo VII as características de início de determinadas obras de alguns autores dentre eles destaca-se: **Iracema** de José de Alencar, **Ana Karênina** de Tolstoi, **Singularidades de uma Rapariga Loura** de Eça de Queiroz, **Salambô** de Flaubert.

No caso de contos infantis ou contos populares algumas fórmulas de abertura foram consagradas:

\_\_Era uma vez ..., havia, antigamente ..., vivia outrora ..., contam que ..., num reino muito rico e bonito ..., naquele tempo ..., no tempo em que os animais falavam ..., vou contar um “causo” ...

Alguns inícios possuem caráter religioso, o que é bastante utilizado por Malba Tahan, visto a sua gama de obras com origem árabe de acordo com os antigos narradores árabes. Em tais inícios surge sempre o termo “Louvado seja Allah, clemente e misericordioso!”

De acordo com Tahan “enredo é uma sucessão dos episódios que constituem a história, os conflitos que surgem e a ação das personagens.” (1964 , p. 82).

Mesmo tendo sido apresentado somente Pedrinho como personagem, pode-se classificá-lo como principal na introdução. Há outros personagens, que surgem

durante o desenrolar do enredo. Esta utilização de deslocamento dos personagens se torna necessário para se tornar vivo o enredo conforme define Tahan:

As histórias apresentadas sob forma de narrativas, para escolares, para adolescentes e para adultos, devem ter, forçosamente, enredo vivo e com surpresas para o ouvinte.  
Quanto mais palpitante é o enredo, mais atraente é a história.(1964, p. 82)

O enredo se desenrola durante a viagem de Pedrinho de Açaré para Iguatu, que seria longa e perigosa.

A viagem de Açaré até Iguatu era, nesse tempo, longa e bastante arriscada. O caminho não oferecia segurança, e os viajantes eram quase sempre assaltados por cangaceiros perigosos. Apesar de todas as ameaças, Pedrinho não temia a viagem; sentia-se com animo para aventurar-se, sozinho, pelo sertão, o que de certo faria, caso não encontrasse companhia para a jornada.(TAHAN, 1965, P. 7)

Segundo Tahan “quando o enredo da história atinge ao seu máximo de intensidade, ao seu clímax, ele alcançou seu ponto culminante.” (1964, p. 83). Mas este ponto culminante pode ser retardado afim de “provocar maior reação” (1964, p. 83).

Durante a viagem de Pedrinho, que ocorre do capítulo dois ao capítulo doze temos vários momentos de clímax, pois a cada encontro de um de seus cinco amigos ocorria um desfecho incrível. Já que para “uma boa narrativa, com enredo bem imaginado, deve apresentar vários pontos de ‘suspense’, ou melhor, vários pontos emocionantes.” (TAHAN, 1964, p. 83). Estes personagens que ao final da trama farão parte primordial do desfecho principal, possuem características intrínsecas,

\_\_\_ Pedrinho aqui chegou, vindo de Açaré, e trouxe os seus cinco maravilhosos amigos: Miguel, o homem que tudo vê; Dalilo, aquele que tudo ouve; Humberto, que possui o paladar mais apurado do mundo; Ítalo, que tem um olfato prodigioso; e Amadeu, que é senhor de um tato capaz de realizar milagres. Cada um desses homens representa, na minha opinião, um dos nossos sentidos:

A vista  
 O ouvido  
 O paladar  
 O olfato  
 E o tato.(TAHAN, 1965, p. 90)

Tahan considera como desfecho “ao desenlace final da história, isto é, à conclusão nela apresentados.” (1964, P.83). Este desfecho pode coincidir com o ponto culminante, mas não é regra necessária. Muitas das vezes os desfechos terminam com uma frase ou uma conclusão, que às vezes pode não ter nada a ver com a história em si. Como “Entrou por uma perna de pinto, saiu por uma perna de pato quem quiser que conte quatro”.(TAHAN, 1964, p.85)

Além deste término há algumas também que foram consagradas:

“Eles foram felizes para sempre ...”, “houve festanças a valer no dia do casamento ...”, “eles casaram e foram felizes para sempre ...” entre outros.

Outras maneiras de término da história são aquelas que deixam advertências ou condições para uma continuação. Esta fórmula utilizada é exemplificada com as histórias das mil e uma noites. O rei, por motivos que variam de acordo com as traduções e adaptações, decidira dormir cada noite com uma esposa diferente e ao amanhecer ela era morta. Scherazade se propõe a casar com o rei, mas com uma estratégia pronta para mudar esta história e salvar as donzelas do reino. Esta estratégia consistia em sempre deixar uma parte da história, ao amanhecer, para a outra noite.

Sem uma autoria confirmada **As mil e uma noites** é uma coletânea de contos árabes preservada na tradição oral, entre eles pode-se destacar: **As viagens de Simbad, o marujo, As aventuras de Aladim e a lâmpada maravilhosa** e a mirabolante história de **Ali Babá e os quarenta ladrões**.

Este mesmo artifício é utilizado por Malba Tahan no livro **Mil histórias sem fim** ... que são contos de origem oriental, ligados entre si, mas constituindo narrações isoladas por assunto. Alguns exemplos de seus termos:

- E o rajá contou ao jovem a história que se vai ouvir:
- Tomou uma resolução extrema, capaz de surpreender o mais impassível faquir da Índia. Vou contar:
- O estranho muçulmano inclinou-se respeitoso diante do juiz, e assim começou:

- Revistam-se com o largo Albornoz da paciência, pois é bem longo o relato que vou fazer.(TAHAN, 1963, p. 23 a 26)

Estes contos apesar de serem contínuos, ligados entre si, podem ser lidos separados sem perderem o sentido.

Além dos livros citados e comentados, Júlio César de Mello e Souza escreveu aproximadamente 140 outros que são relacionados e agrupados de acordo com critérios pré-estabelecidos que estão em anexos.

### 3.2 O TIPO DE LEITOR NA LITERATURA MALBATAHANA

Júlio se enveredou pelos mais diversos tipos de literatura, deixando bem a vontade qualquer pessoa, gostando ou não de literatura e ou matemática, para escolher o que saborear.

Uma de suas obras atende àqueles que gostam de um romance policial.

O livro **O mistério do mackenzista**: um estranho caso policial, publicado pela editora EDICEL (SP) em 1970, é considerado a obra de Malba Tahan que aborda o romance policial, o que é presenciado em parte pelo título subtraído acima que aparece entre parênteses (um estranho caso policial).

Os romances policiais têm como primazia a elucidação de um caso, que geralmente é um homicídio por um detetive que durante a narrativa vai traçando o desenrolar do enredo.

Não podemos escrever sobre o romance policial sem mencionar aquele que é considerado o seu criador, Edgar Allan Poe. Escritor, crítico literário e poeta norte-americano. Nasceu em 19 de janeiro de 1809 em Boston (EUA) e faleceu em 7 de outubro de 1849 em Baltimore (EUA).

Mesmo havendo críticos que consideram como a primeira história policial a fábula oriental **A peregrinação dos três jovens filhos do rei de Seremdip** reelaborada em **Zadig** por François Arouet Voltaire, Edgar Allan Poe é considerado o primeiro escritor moderno de romance policial, sendo também reconhecido pelo seu estilo de terror e gótico.

As questões de mistério e elucidação neste gênero, partem de deduções lógicas e observações dos fatos ocorridos. Poe criou a primeira figura de detetive que será o responsável então por essas elucidações. Como tal este personagem será dotado de grande poder de observação, com uma mente privilegiada, o que lhe permite realizar grandes descobertas, como ele mesmo afirma, “um apreciador de enigmas, charadas, hieróglifos; demonstrando, com a solução de cada um, um alto grau de sagacidade, a qual aparenta ser sobrenatural para a percepção comum”. (1997, p. 118).

Dentro de suas obras entre poemas e contos podemos citar: **Al araaf** (1829); **A queda da casa de Usher** (1839); **O escaravelho de ouro** (1843); **O barril de amontillado** (1846); **O mistério de Marie Rogêt** (1842-1843); **A carta roubada** (1844); e **Os assassinos da rua Morgue** (1841), seu primeiro livro neste estilo que relata um duplo assassinato, violento e cruel e sem uma justificativa aparente. Através da análise do personagem principal, Monsieur Dupin, caracterizado como um homem extremamente inteligente, desvenda o crime. Não houve um assassino, já que o crime foi praticado por um macaco, fugindo assim dos elementos básicos a um romance policial: um crime, um detetive e um criminoso, assim como Malba Tahan em seu livro, onde veremos que na realidade não houve um crime e assim logicamente não teve um criminoso, mesmo havendo indícios para tal.

Malba Tahan cria o personagem Detetive Carlos Colonezi que possui características dentro do modelo arquétipo utilizado por Poe que se tornou base da criação para outros escritores. Estas podem ser analisadas nas passagens, com a apresentação do detetive narrador como “homem íntegro e incorruptível” (TAHAN, 1970, p 11) e “famoso e eficiente detetive paulista “ (TAHAN, 1970, p 23).

Para classificar este romance de Malba Tahan levaremos em consideração a proposta elaborada por Todorov de dividir os romances policiais em três tipos:

O romance-enigma, que contém na verdade duas histórias:

Podem-se ainda caracterizar essas duas histórias dizendo que a primeira, a do crime, conta “o que se passou efetivamente” enquanto a segunda, a do inquérito, explica “como o leitor (ou o narrador) tomou conhecimento dela”.(TODOROV, 1970, p.97)

Verificamos que Malba Tahan faz esta nítida separação dividindo as histórias em três partes, sendo que a terceira parte serve para confirmar uma das características do que ele denominará como romance policial cor de rosa e colocando um outro objetivo que norteia seu romance que é o apoio aos hansenianos através de uma escrita contra o preconceito existente.

O *romance-noir*, também chamando de romance negro, funde as duas histórias do romance-enigma pois de acordo com Todorov (1970) ele suprime a primeira a primeira do romance e dá vida à segunda. Não é mais um crime anterior ao momento da narrativa que se conta, a narrativa irá coincidir com a ação.

Neste tipo de romance o detetive se despe de uma imagem de *gentleman*, de um suposto super-herói, se assemelhando aos criminosos no uso de métodos ilícitos para obter o resultado desejado:

Com efeito, é um torço dessas constantes que se constrói o romance negro: a violência, o crime geralmente sórdido, a amoralidade das personagens. Obrigatoriamente, também, a “segunda história”, aquela que se desenrola no presente, ocupa aí um lugar central; mas a supressão da primeira não é um traço obrigatório. (TODOROV, 1970, p. 100).

E o romance-suspense, que de acordo com Todorov, une o romance-enigma e o *romance-noir*, pois ele combina as propriedades das duas. Do romance de enigma, ele conserva o mistério e as duas histórias, a do passado e a do presente; mas recusa-se a reduzir a segunda a uma simples detecção da verdade.

Além destas classificações formuladas por Todorov, Malba Tahan reduz em oito as vinte regras, elaboradas por S.S. Van Dine e enunciadas em 1928, que todo autor de romances policiais que se respeite deve conformar-se, são elas:

- 1) O romance deve ter no mínimo um detetive e um culpado, e no mínimo uma vítima (um cadáver).
- 2) O culpado não deve ser um criminoso profissional; não deve ser o detetive; deve matar por razões pessoais.
- 3) O amor não tem lugar no romance policial.
- 4) O culpado deve gozar de certa importância:
  - a) na vida: não ser um empregado ou uma camareira.
  - b) no livro: ser uma das personagens principais.

5) Tudo deve explicar-se de modo racional; o fantástico não é permitido.

6) Não há lugar para descrições, nem para análises psicológicas.

7) É preciso conformar-se à seguinte homologia, quanto às informações sobre a história: “autor : leitor = culpado : detetive”.

8) É preciso evitar as situações e as soluções banais.

Analisando o romance **O mistério do mackenzista**: um estranho caso policial, de Malba Tahan, e confrontando com as regras temos:

1) Apesar de se ter um detetive no livro, Sr Carlos Colonezi, não há um culpado já que não se tem um crime pois o sumiço do jovem Ronaldo foi por motivos pessoais e por livre e espontânea vontade. Cria-se um culpado, o genro, Dr Romeu Roma Soeiros, mas não pelo sumiço do jovem Ronaldo, mas pela conduta social.

\_\_\_ Doutor Romeu Roma Soeiros, genro do opulento capitalista Laércio; a ovelha negra, e bem negra, da família Toledo Maia. Pessoa sem escrúpulos, tipo dissoluto, moralmente perigoso; jogador, perdulário e de procedimento indigno como esposo. (TAHAN, 1970, p. 36)

Esta definição de caráter e a questão da suposta chantagem do vilão, que ocorre após sua morte em um acidente de carro onde iria visitar sua amante “teúda e manteúda”, sobre o fato da não entrega das cartas de Ronaldo ao pai revela a intenção do autor em criar um vilão ou um suposto culpado.

\_\_\_ O caso é simples, Doutor Gláucio. A explicação para essa atitude do canalha nada tem de complexa. Não preciso recorrer aos grandes criminalistas. O indigno marido de sua sobrinha, com o espírito sempre inspirado em ações torpes, não queimou as cartas, porque pretendia, com o recurso precioso da correspondência do Ronaldo, fazer, uma chantagem de alto nível contra o seu generoso sogro. Que não daria o Senhor Laércio no fim de um ano, por quatro cartas do Ronaldo? Já imaginou o dinheiro grosso que ele assacaria do pai angustiado? (TAHAN, 1970, p.140)

2) Como não houve crime não há como determinar um tipo de criminoso.

3) Há amor entre a suposta vítima, Ronaldo, e sua namorada e futura esposa Oniko Takaia.

\_\_\_ O namoro de Ronaldo com a nisei era coisa muito séria. E muito antiga. Compreendeu? Posso garantir. Ele tinha verdadeira paixão pela Oniko, e a Oniko, muito boazinha, sabia corresponder a esse amor. Eram da mesma idade.(TAHAN, 1970, p.5)

4) Mesmo não sendo culpado, o genro Romeu Roma Soeiros, possui certo status, pois era advogado.

O genro do Senhor Laércio, como disse, era um advogado paranaense de Ponta Grossa, e era, como muitos outros, funcionário ocioso da Câmara dos Deputados. ... Era um rapaz de boa aparência, simpático e bem falante.(TAHAN, 1970, p.32)

5) Não há o fantástico, pois o motivo do sumiço de Ronaldo foi seu estado de saúde e os métodos utilizados pelo detetive Carlo Colonezi para a elucidação do caso, foi estritamente racional e lógico.

6) Apesar de supostas soluções psicológicas, dadas pelos personagens, para justificar o sumiço de Ronaldo, não há momentos em que as mesmas são utilizadas para ajudar na solução da trama, como por exemplo a seguinte fala do pai de Ronaldo:

Eis o que ocorreu: a nisei deixou secretamente esta cidade, tomando um rumo ignorado. Perfeito drama sentimental, não há dúvida. Drama de jovens enamorados. Desespero por esse fato, que fez Ronaldo? Que fez meu filho apunhalado em seu afeto, vendo o aniquilamento total de seus sonhos e de suas ilusões? Resolveu deixar a vida do século e ingressar numa ordem religiosa. Fazer-se monge dominicano, por exemplo.(TAHAN, 1970, p 69)

Quanto à descrição há várias que o autor utiliza em situações em que não influenciam no caso, mas que têm como objetivo engrandecer os grandes vultos da ciência no Brasil (item 7 citado abaixo) ou as grandezas do país, por exemplo a descrição das árvores da entrada da casa do Senhor Toledo Maia:

Logo direita, junto ao portão, deparei com um soberbo cambuí, de cinco ou seis metros de altura, preparando-se, com seus tons amarelados, para a magnífica floração festiva do findar do ano. Um pouco além, depois de várias roseiras, avistei uma das minhas árvores prediletas. A mais simpática de todas. Chama-se entre os homens do campo, o canudeiro, mas os sábios naturalistas insistem em denominá-la Cássia Multijuga. O canudeiro, ou cássia, tem folhagem verde, o ano inteiro, e as suas flores são de um amarelo vivo que parece rebrilhar ao sol. É uma árvore verde amarelas, uma árvore bem nossa, bem brasileira. Ó canudeiro! Quero inalar o teu perfume! Que beleza que és! ... Não muito longe do canudeiro, pude admirar outra árvore, verde amarelada, de auto valor decorativo. ... É uma delícia observá-la com atenção no entreabrir da primavera: 'Nela tudo é cismar, é lembrança, é saudade!'

Essas palavras, aliás, não são minhas. São de um poeta fluminense chamado Alberto de Oliveira.... No meu fraco parecer, porém, nada excede em beleza o canudeiro, verde-amarelo. Posso virar e revirar a mataria espêsa. Quando passo perto do canudeiro, tenho a impressão, viva e bem viva, de que ele agita levemente os ramos e diz baixinho, a mussitar para mim. Com meiguice: \_\_ Amigo! Viva o Brasil.(TAHAN, 1970, p. 40 e 41)

7) Vemos esta homologia com uma relação autor (narrador): leitor = culpado : detetive (narrador), mas reformularemos em autor : leitor : detetive = culpado ou a busca ao culpado.

8) Não houve banalidades nas situações e nas soluções.

O romance negro não se restringe a se delinear nas regras acima assim como o romance de Malba Tahan, mas em momento algum podemos compará-los, já que o autor no prólogo deixa bem clara a diferença entre este romance policial em relação a outros, levando em conta as características ímpares de um romance negro.

Dentro da Literatura Policial, devemos, entretanto, colocar, em caixa alta de relevo, um tipo de conto que merece embalagem especial da crítica mais severa. Aludimos ao conto policial sem crime. Daríamos a esse conto a denominação de conto cor-de-rosa. Não encontramos no conto cor-de-rosa o traço avermelhado do crime. Os episódios são modificados pela serenidade do tema. O enredo de desenrola num ambiente de paz, de bondade e tranqüila segurança.(TAHAN, 1970, p 6)

Assim, de acordo com Malba Tahan, há uma outra classificação de romance policial, o romance policial cor-de-rosa que possui características assim definidas:

A estranha novela “**O mistério do mackenzista**”, aqui apresentada aos leitores encarada ponto de vista da Literatura policial, patenteia, ao primeiro exame, sete predicados. Seria estultícia querer negá-los ou postergá-los, pois eles ressaltam à luz da evidência.

Esses predicados são:

- 1º) É um conto policial sem crime.
- 2º) É o relato inartificial de um caso estranho, surpreendente, que exalta o amor filial (4º mandamento);
- 3º) É de cunho acentuadamente moral e educativo, sem palavrões, sem o lugar comum das pornografias e sem cenas de alcova;
- 4º) É um livro profundamente humano com desassombro, por uma causa nobre (reabilitação dos hansenianos);
- 5º) É um livro que encerra muitas curiosidades revestidas do mais alto espírito de veracidade;
- 6º) É um livro que destaca dezenas de grandes vultos que honram a Ciência, no Brasil;
- 7º) É um livro cujo desfecho é totalmente imprevisível.(TAHAN, 1970, p 8)

A heterogeneidade de temas na qual aborda Júlio César em suas obras que de acordo com Oswaldo Paixão (COSTA, 1942, p.13) possuem “páginas de uma leitura que serve a toda gente” assim o leitor malbatahano não precisa ser necessariamente um detentor de conhecimento prévio em matemática para realizar uma leitura nas obras de cunho matemático. A própria conotação árabe nas suas obras, mesmo as que não possuem um fundo implícito ou explícito em matemática, pode provocar no leitor uma pseudo-quebra do que Coleridge chama de “suspensão de descrença” (ECO, 1932, p.81) para que este efeito tivesse ocorrido.

A definição dada aos leitores por Eco como leitores-modelo, que recebem nomes diferentes para alguns autores, tais como Leitores ideais, Leitores implícitos, Leitores virtuais, Metaleitores, mas que para Eco não se pode classificá-los como sinônimos. Ele considera seu Leitor-modelo parecido com o Leitor implícito de Wolfgang Iser.:

Em resumo, a concepção do leitor implícito representa um modelo transcendental que permite descrever as estruturas gerais de textos ficcionais. Pensamos no papel do leitor, perceptível no texto, que é composto por uma estrutura do texto e uma estrutura do ato. Se a estrutura do texto estabelece o ponto de vista para o leitor, então isso significa que ela leva em conta uma regra elementar da nossa percepção que diz que nosso acesso ao mundo sempre é de natureza perspectivística.( ISER, 1996, p. 78 )

Eco afirma que “todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte de seu trabalho” (ECO, 1932, p.9). Na literatura malbatahana este trabalho é continuar a leitura, chegar ao final. No livro **As mil histórias sem fim** a cada narrativa é deixado um motivo para o início de outra, uma situação bem característica aos contadores de história.

Ele considera dois tipos de leitor, o leitor-modelo e o leitor empírico. O leitor empírico sou eu, você, todos que lêem no texto, que é lido de várias formas. Já que não existe lei que determine como se deve ler, por que em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as que podem ser exteriores ao texto ou provocados pelo mesmo. Mas não podemos deixar nossas expectativas se sobreponem às do autor.

O leitor-modelo é aquele que está ansioso para jogar, para seguir as regras do jogo que são determinadas pelo autor. Na verdade cabe ao autor a construção do leitor-modelo.

O autor também é diferenciado em dois, o autor empírico e o autor modelo. Por não interessarmos pelo autor empírico ele não será tratado ficando a definição e exemplificação para o autor-modelo,

[...]que é uma voz que nos fala afetuosamente ou imperiosamente ou dissimuladamente, que nos quer ao seu lado, ela se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que nos são dados passo a passo e que devemos seguir quando decidimos agir como leitor-modelo.(ECO, 1994, p. 21)

O leitor-modelo também é classificado por Umberto Eco em dois níveis. O primeiro nível é onde o leitor só quer saber o final da história. O segundo nível é onde o leitor quer descobrir o autor-modelo, como ele faz para guiar o leitor. Após esta descoberta ele se torna o leitor-modelo maduro. Na verdade ao descobrir o que o autor queria, ele deixar de ser leitor empírico.

## 4 PASSEANDO PELAS AREIAS DO DESERTO COM BEREMIS

A análise da narrativa em Júlio César de Mello e Souza terá como base o livro **O homem que calculava** e outros quatro livros escolhidos de acordo com a teoria utilizada e ou os aspectos que queríamos demonstrar do autor. Assim os livros selecionados foram: **Minha vida querida**; **Romance do filho pródigo**; **Amigos maravilhosos** e **O mistério do mackenzista**.

### 4.1 PERSONAGEM

Escrever sobre personagem é pensar também em enredo, pois “quando pensamos enredo, pensamos simultaneamente nas personagens” (CANDIDO, 1995, p. 53), e isto pode parecer um paradoxo, pois é através da aceitação das personagens que o enredo terá veracidade mas esta mesma personagem é um ser fictício mesmo sendo considerado “o que há de mais vivo no romance” (CANDIDO, p. 1995). De acordo com este autor:

[...] a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.(1995, p. 55)

De acordo com Forster (1949) podemos classificar as personagens em “personagens de costumes” ou também chamadas de “personagens planas” (*flat characters*) e “personagens de natureza” ou “personagens esféricas” (*round characters*). As personagens planas são aquelas que “Na sua forma mais pura, são constituídas em torno de uma idéia ou qualidade; quando há mais de um fator, temos o começo de uma curva em direção à esfera...” (CANDIDO, 1995, p. 62).

Antônio Candido, considerando que Forster não define claramente as personagens esféricas, conclui que suas características se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência capazes de nos surpreender.

As personagens no romance **O homem que calculava** são de características planas. O personagem principal Beremiz Samir é definido com suas habilidades logo no início sem que haja mudanças em seu perfil até o final.

Ao fim de alguns meses – graças a novos e constantes exercícios – contando formigas e outros pequeninos insetos, cheguei a praticar a proeza de contar todas as abelhas de um enxame! Essa façanha de calculista, porém, nada viria a valer, diante das muitas outras que mais tarde pratiquei! O meu generoso amo possuía, em dois ou três oásis distantes, grandes plantações de tâmaras e, informado das minhas habilidades matemáticas, encarregou-me de dirigir a venda de seus frutos, por mim contados nos cachos, um a um. (TAHAN, 1998, p. 15)

Durante todo o enredo suas habilidades matemáticas foram exigidas sendo que até o final, na hora de seu casamento, pode-se deixar comprovar, pois “fez questão de ser batizado por um bispo que soubesse a Geometria de Euclides.” (TAHAN, 1998, p. 175).

Suas características também são relatadas:

Beremiz era de gênio alegre e comunicativo. Muito moço ainda \_\_ pois não completara vinte e seis anos \_\_ era dotado de inteligência extremamente viva e notável aptidão para a ciências dos números. Formulava, às vezes, sobre os acontecimentos mais banais da vida, comparações inesperadas que denotavam grande agudeza de espírito e raro talento matemático. Sabia, também contar histórias e narrar episódios que muitos ilustravam suas palestras, já de si atraentes e curiosas. Às vezes punha-se várias horas, em silêncio, num silêncio maníaco, a meditar sobre cálculos prodigiosos. (TAHAN, 1998, p. 16).  
Reconheço, em ti, um homem de caráter, bem educado, e profundamente religioso! (TAHAN, 1998, p. 170).

Beremiz Samir é o personagem principal, o protagonista e segundo Coutinho “o herói, a figura central” (1976, p. 35) e em torno dele se desenrolam todas as

tramas. O romance é constituído por várias situações ou parafrazeando Malba Tahan, vários clímax tendo assim vários personagens secundários que atuam somente nela ou aparecendo em alguns casos em outras mas com participação irrelevante, sem importância direta.

Além dos personagens principal e secundário, Afrânio Coutinho descreve o antagonista como aquele “que responde ou contesta ao protagonista,[...]” (1976, p.35) e em todas as situações em que se envolve, que são várias, Beremiz Samir é provocado por questões que envolvem o raciocínio lógico matemático por personagens que consideraremos como antagonistas, e que utilizam a matemática como instrumento ou a situação problemática em matemática para realizar seus desafios.

Alguns personagens secundários merecem ser destacado como Hank-Tade-Maiá, amigo que narra o romance em *flashback*, e Telassim filha do Cheique lezid-Abul-Hamid a qual foi aluna de Beremiz Samir, e mais tarde se tornou sua esposa .

A utilização de personagens planas por Malba Tahan pode ser também verificada em outras de suas obras, como Pedrinho, personagem de **Amigos maravilhosos**, que é descrito no início como “obediente, trabalhador e devotado amigo dos pais” (TAHAN, 1965, p. 5) e junto com seus amigos, no fim, como “honrados e praticam o bem”. (TAHAN, 1965, p. 91).

Carlos Colonezi, o detetive de **O mistério do mackenzista**: um estranho caso policial, faz jus ao arquétipo de Alan Poe e durante toda a trama mantém-se firme em suas características, até porque Malba Tahan segue dentro de um gênero por ele criado, o romance policial cor de rosa, uma alusão à literatura cor de rosa, termo utilizado por Cunha apud Philadelfio que afirma, baseado em pesquisas, que a mesma além de alimentar o imaginário feminino, divulgava valores e condutas que serviriam para construir uma sensibilidade feminina, o que é notado em toda obra malbathana, não no aspecto desta sensibilidade, mas na formação cristã do jovem adolescente.

No **Romance do filho pródigo** ele mantém os personagens em relação à parábola do “filho pródigo” descrita na Bíblia, mas como a obra é um romance as características deles são realçadas.

Na parábola os personagens principais são o pai e os dois filhos tendo como personagens secundários os servos.

O autor personifica estes personagens:

O pai chama-se Naumim Bem Josef apelidado de El-Úri, sobrenome que traduzido significa: Deus é minha luz. É caracterizado como: "... homem bom, justo, temente a Deus e estimado pelos palestineses, judeus ou gentios, viúvo" e "podia figurar com honra entre judeus de mais alto prestígio social"( TAHAN, 1967 p. 18).

Seus filhos eram Nathan Bem Naumim, o mais velho que "era taciturno, quieto, de poucas palavras. Irritadiço. Contrariava-se por qualquer coisa. Vivia sempre de mau humor e carregado de prevenções. Tratava os servos sem aspereza, mas com palavras secas e breves."(TAHAN, 1967, p.20) e Jessé Bem Naumim, que é "alegre e comunicativo, tratava os servos com extrema simpatia e cordialidade.(TAHAN, 1967, p. 21)"

Os outros personagens que aparecem no enredo também são personalizados independentes da relevância dentro do romance, característica própria de Malba Tahan.

As personagens femininas serão mais bem analisadas na obra **Minha vida querida**. Sua obra dedicada especialmente às mulheres, editada em 1959 pela editora Conquista que é uma coletânea de contos que, conforme o autor, evidencia a importância da mulher. Vivendo inserido em uma cultura patriarcal, suas personagens assumem caráter de mãe dedicada, dona de casa, mulher fiel, noiva, filha obediente, assim como também, possuidora de um alto poder de sedução e com extrema inteligência.

Apesar desta inserção e das características que podem confirmá-la, há traços nos contos que podem evidenciar uma cosmo visão da mulher de uma maneira diferente. A obra inicia com o conto "Homem extraordinário", que relata o casamento de uma mulher com um homem que não amava (este fato é comum na cultura árabe, e em alguns casos até no passado do Brasil, onde o pai entrega a filha para casamento a um escolhido seu, por motivos totalmente pessoais.) e que trama sua fuga com um outro, a quem amava:

\_\_\_ Não te preocupes com minha sorte.\_ ... Nem tudo está perdido. Allah é grande! No dia do meu casamento fugirei da casa de meu marido e juntos iremos para onde ninguém nos possa encontrar.( TAHAN, 1959, p. 70)

Apesar de tramar a fuga, ela não acontece e o marido ao descobrir, através dela mesma, suas intenções, a libera para procurar seu amor, e este ao recebê-la, fica sabendo do ocorrido e a devolve.

No conto "A noiva do cheique", a filha também é entregue ao casamento pelo pai e trama, com a amiga vendedora de perfumes e outros utensílios femininos, que a visitava no harém , uma maneira de livrar-se do compromisso

\_\_\_ Estou certa de que o cheique irá desfazer o compromisso de casamento!

Confiei cegamente na velha amiga e a ela entreguei a minha sorte. Preocupava-me, entretanto, de modo impressionante, o meu próximo casamento. Que artifício iria empregar a astuciosa Zenuja para afugentar de mim o noivo detestável?( TAHAN, 1959, p. 54)

A trama consistia em transformar Jamile, através da maquiagem e indumentárias, em uma aparência igual à ex-esposa do cheique, este por promessa não poderia casar-se com alguém parecido com Zobeida.

Um dia meu pai perguntou-me:

\_\_\_Que idéia foi aquela, minha filha, de fazeres-te, na noite de teu casamento, parecida com Zobeida, a primeira esposa do cheique? Não sabias, então, que ele, preso por um juramento, estava impedido de casar-se com mulher que se parecesse com Zobeida?( TAHAN, 1959, p 59).

O segredo era que o cheique fora casado e sua esposa há muito morrera, e ele fez então a promessa de nunca se casar com mulher que a lembrasse. Zenuza conhecia o segredo e o utilizou, maquiando e vestindo a jovem com a aparência da ex-esposa de seu futuro marido, e logo após aconteceu o fato do divórcio, por este motivo Zenuza "...não pôde receber de mim os agradecimentos do que fizera merecedora, pois apareceu morta, no dia seguinte, ..." ( TAHAN, 1959, p 59).

A necessidade do casamento é tema de outros vários contos, como veremos nos trechos. "A sua ambição máxima, na vida, era vê-las casada, e vivendo em perfeita harmonia com seus esposos. Que sonho mais radiante poderia iluminar a imaginação de um pai?" (TAHAN p.41), mostrando o desejo do pai para o futuro as

filha. E junto à sociedade no comentário do pai a respeito da demora em se apresentar um pretendente, “Todas as tuas amigas e companheiras casaram aos oito anos e tu ainda não escolheste marido.” (TAHAN, 1959, p. 79). Aos treze anos...\_ casei-me, por imposição de meu pai, com um gramático de Medina (TAHAN, 1959, p. 177).

Segundo Antônio Cândido (1976, p.7), como a crítica literária admite que para compreender uma obra é necessário o estabelecimento de uma relação entre o texto e o contexto, e que as relações sociais fazem parte da composição do livro, podemos afirmar que toda obra literária contém elementos, cujo suporte é o contexto histórico-social de uma determinada época.

Nos contos, apesar dos traços que refletem uma cultura patriarcal, vê-se atitudes que a contrapõem. O fato de um homem deixar sua esposa sair em busca de outro e se ela se arrepende poder voltar, como relatado no conto **Homens maravilhosos** (TAHAN, p.73-77), é difícil de ser aceito até nos dias de hoje e o foi dentro de uma narrativa suposta como cultura árabe, que tende a ser mais rígida quanto ao comportamento da mulher.

A necessidade do casamento podia significar uma ascensão para ambos os sexos, segundo Vasconcellos (1999, p. 120), o matrimônio se apresentava como única perspectiva de vida, pois a mulher sozinha não teria uma identidade. Apesar de o matrimônio estar presente na maioria dos contos, o mesmo sempre vem como uma tentativa de esquiva, de fuga, de trama, entre outros...

O aspecto cultural árabe do repúdio à esposa é citado, mas o arrependimento também. Conotações cômicas ajudam a desfazer o poder patriarcal nas manobras utilizadas.

A sedução, que aparece como instrumento, juntamente com a beleza, que em alguns momentos provoca tragédia, apesar de colocar a mulher como objeto, mostra a disposição feminina em atingir e lutar pelos seus objetivos.

Comparando no texto, a figura da personagem feminina, nos contos, com a realidade machista-patriarcal-cultural do contexto histórico-social, no Brasil, no início do século, constatamos que o autor exaltou a mulher, conforme descrito na apresentação da obra pela editora:

Minha vida querida é a tradução, em nosso idioma, da maviosa expressão TI-LONG-LI, coma qual os tibetanos designam a mulher amada, a noiva, a própria esposa. Nesse livro, incluiu Malba Tahan seus contos da alma feminina \_\_\_ tão vibrante no mundo estranho do oriente! Todos os contos desse livro exaltam e glorificam a mulher! As suas lendas são verdadeiros poemas de amor. (TAHAN, 1959, parte final)

Até nos contos em que a mulher não aparece, ela é colocada como coadjuvante e mesmo tendo a personagem, assumindo os papéis tradicionais, dentro da obra, de acordo com o papel da mulher na sociedade, podemos notar atitudes intrínsecas que a contrapõem.

Em **O homem que calculava** Beremiz Samir, o protagonista, se apaixona pela jovem Telassim, que mesmo prometida a outro homem, tem seu casamento aprovado pelo pai depois do pedido de Beremiz por ter este resolvido questões de lógica propostos pelo sultão Al-Motacém. É bem sabido que uma mulher prometida, nos costumes árabes não pode quebrar a promessa e isto ocorre.

\_\_\_ Não farei, ó calculista, oposição alguma ao teu romântico e auspicioso casamento com a formosa Telassim. O meu prezado amigo, cheique lezid, que acabei de consultar, aceita-te como genro. Reconhece, em ti, um homem de caráter, bem educado, e profundamente religioso! É bem verdade que a jovem Telassim estava prometida a um cheique damasceno que se acha agora, combatendo na Espanha. Mas uma vez ela própria deseja mudar o rumo de sua vida, não tentarei intervir. Maktub! (TAHAN, 1988, p. 170)

Mesmo aplicando em vários momentos o conhecimento da cultura árabe, Malba Tahan consegue adequá-la ao estilo ocidental em uma mistura mágica entre duas culturas diferentes.

## 4.2 ENREDO

De acordo com Afrânio Coutinho (1976) o enredo é “o resultado da ação ou da vida dos personagens” (p. 38) mas estas ações devem seguir uma ordem que é

definida por Aristóteles como início, meio e fim, devendo apresentar uma coerência em suas dimensões.

Relataremos o enredo em algumas das obras de Malba Tahan.

A narrativa em **O homem que calculava** tem início com o relato do encontro de Beremiz Samir, o homem que calculava e personagem principal, com Hank-Tade-Maiá, personagem e narrador da história, que estava vindo de uma excursão à cidade de Samarra em direção a Bagdá. A curiosidade sobre Beremiz Samir e suas habilidades matemáticas os fizeram amigos até o final do romance.

Ao chegarem a Bagdá, Beremiz Samir começou a ser conhecido pelas maravilhas que realizava com os números e pelas resoluções de problemas que envolviam a lógica matemática, e a todo instante era requisitado. Em um destes encontros visitou o cheique lezid Abul-Hamid, sendo convidado a ensinar matemática a sua filha chamada Telassim. Mesmo sem poder vê-la se apaixonou:

\_\_\_ Devo, desde já, advertir-te de uma particularidade que não deixa de ter importância no caso. Minha filha vive encerrada no harém e jamais foi vista por homem algum estranho à nossa família. Só poderá, portanto, ouvir as tuas aulas de matemática oculta por um espesso resposteiro com o rosto coberto por um haic e vigiado por duas escravas de confiança.(TAHAN, 1998, p. 49)

Entre aventuras e resoluções de enigmas Beremiz Samir é convidado ao palácio do Califa para se apresentar e ser arguido em audiência pública por sete matemáticos de renome, pois o Califa queria atender a um pedido de seu amigo e aliado príncipe Cluzirehdin-Moubarec Schá, que queria conhecer tão famoso calculista e comprovar suas habilidades. Se Beremiz Samir respondesse corretamente a todas as perguntas seria recompensado com prêmio que o deixaria ser invejado por toda Bagdá.

Antes de iniciar a arguição lezid Abul-Hamid trouxe a presença do Califa um presente para Beremiz Samir de sua filha Telassim, um tapete e um anel, pedindo a permissão para ser entregue, o que foi concedido. Ao receber o presente, Beremiz Samir colocou o anel e reparou que no tapete havia caracteres cúbicos que só ele poderia decifrar, que haviam sido finamente bordados por ela e que trazia um poema:

Eu te amo, querido. Perdoa-me o meu amor!  
 Eu fui apanhada como um pássaro que se extraviou no caminho.  
 Quando o meu coração foi tocado, ele perdeu o véu e ficou ao desabrigo.  
 Cobre-o com piedade, querido, e perdoa o meu amor!  
 Se não me podes amar, querido, perdoa a minha dor.  
 E voltarei para o meu canto e ficarei sentada no escuro.  
 E cobrirei com as mãos a nudez do meu recanto. (TAHAN,1998, p.141)

Após o término da arguição em que Beremiz Samir saiu vitorioso com todas as respostas acertadas, lhe foi proposto a escolha do prêmio, “vinte mil dinares de ouro ou preferes possuir um palácio? Desejas um governo ou um cargo de vizir na minha corte?” (TAHAN, 1998, p.169). Com seu amor correspondido em forma de poema, nosso herói escolheu o casamento com Telassim, que lhe foi permitido pelo pai e abençoado pelo califa e criticado por todos que estavam presentes ao palácio, que consideraram uma demência a troca de tanta riqueza por um casamento. Mas a personagem tem mais uma vez reforçada uma de suas características que permeia toda a narrativa.

\_\_\_ Rei generoso! \_\_\_ Respondeu Beremiz profundamente emocionado. \_\_\_ Não ambiciono riquezas, títulos, homenagens e regalos porque sei que os bens materiais nada valem; a fama que pode advir dos cargos de prestígio não me seduz, pois o meu espírito não sonha com a glória efêmera do mundo. (TAHAN,1988, p. 169)

Mas antes da entrega do prêmio ele teve de resolver mais um problema que foi prontamente atendido e a história termina com Hank-Tade-Maiá narrando a vida atual de Beremiz Samir, em Constantinopla, com sua esposa Telassim e seus três filhos e a relação de amizade que existe até o momento entre eles.

Em **O romance do filho pródigo**, uma intertextualidade com a parábola Bíblica do filho pródigo, o motivo que levou o filho mais novo a pedir sua parte da herança e sair pelo mundo, que não é revelado na parábola, é a influência de forasteiros que aparecem nas terras de Shiriah.

A volta do filho pródigo para a casa do pai ocorre após uma grande fome nas terras em que se encontrava, o que também acontece no romance, mas com a justificativa que foi a iminência de uma invasão do Império Romano que provocou a evasão do povo e de seu soberano que “Com a ignominiosa fuga de Aretas IV, o

governo da cidade ficou entregue ao segundo-secretário da corte, [...] passou a reinar a desordem e a indisciplina. [...] onde se julgava haver alimento, foram saqueadas ou depredadas...” (TAHAN, 1967, p.148,149)

A passagem em que o filho pródigo se alimenta com alfarrôbas é semelhante ao da parábola, mesmo sendo lhe prometido “um bom farnel; pão, carne e vinho. Uma vez ou outra, um peixe.” (TAHAN, 1967, p.160).

Na Bíblia, a parábola termina com as explicações dadas pelo pai ao filho mais velho, que se sentiu rejeitado da festa que estava sendo dada em homenagem à volta de seu irmão mais novo que perdera tudo em sua viagem. No romance do filho pródigo ainda há espaço para o reconhecimento deste sentimento do pai pela volta de seu filho mais novo na atitude e no diálogo com o filho mais velho.

Nathan baixou a cabeça e ficou em silêncio. As palavras de seu pai calaram fundo em seu espírito. Decorrido algum tempo ergueu o rosto e assim falou:

— Tens razão, meu pai! Tens toda razão! Perdoa a minha atitude de há pouco, ditada por sentimentos incompatíveis com o amor fraterno. Perdoa, meu pai, a forma errada do meu proceder. Perdoa-me, meu pai! Reconheço os meus pecados. Quero felicitar Jessé, abraçá-lo e regozijar-me com sua volta. Na verdade, ele estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado!( TAHAN, 1967, p.217).

Em **Amigos maravilhosos** a história se passa no interior do Ceará. Por medo de um suposto vulcão, a família de Pedrinho, que mora em uma vila, resolve mandá-lo para a cidade para morar com parentes.

Na decorrer da viagem muitas aventuras acontecem e ele encontra cinco pessoas que se tornaram seus amigos. Eles possuem habilidades ligadas aos cinco sentidos humanos. Estas habilidades foram determinantes para a resolução do roubo de “uma caixa, dentro da qual se achavam dinheiro, pedras preciosas e jóias” (TAHAN, 1965, p.73)

Com a solução do roubo, os amigos de Pedrinho ganharam uma generosa recompensa e ele conseguiu trazer a mãe para morar na cidade sendo matriculado em um dos melhores colégios.

Outro fator importante do enredo e da ação que ele desencadeia é a relação dos fatos ficcionais com a vida real o que é condição básica para que o leitor se mantenha atento aos acontecimentos.

#### 4.2.1 Enredo histórico

Para Massaud Moisés, é necessário que:

[...] a ação contenha “verdade” e necessidade. Por “verdade”, ou verossimilhança, não se entenda que a ação reproduza literalmente ocorrências da vida real, pois nesse caso não seria ficção, mas que a ação se organize como se desse na realidade, isto é, segundo uma coerência relativa, semelhante à que preside os eventos da vida diária. (1972, p.90)

Pode-se notar esta relação entre o ficcional e o real nas localizações geográficas, como a citação da cidade de Samarra de onde voltava Hank-Tade-Maiá de uma excursão e encontra Beremiz Samir sentado em uma pedra. Samarra é uma das três cidades do “triângulo sunita” e um dos quatro lugares santos mais venerados pelos xiitas iraquianos e abriga o mausoléu dos imãs Ali al-Hadi e Hasan al-Askari. Fundada em 690 antes de Cristo e localizada a 125 quilômetros ao norte de Bagdá possui atualmente cerca de 200 mil habitantes.

No capítulo IV também é citada a cidade de Baçorá onde ocorre o encontro de Beremiz Samir e Hank-Tade-Maiá com Salém Nasair, um dos homens mais ricos de Bagdá que fora assaltado, sendo mencionada novamente no capítulo XXI sobre a viagem do Emir dos crentes Al-Motacém e sua generosa atitude em reduzir pela metade a pena dos detentos de uma prisão, sendo que um deles era nascido nesta cidade. Fundada em 636 antes de Cristo, conta atualmente com aproximadamente 2 milhões de habitantes, sendo considerada a terceira maior cidade do Iraque. Foi bombardeada durante a guerra do Irã, pelos Estados Unidos na guerra do Golfo, e tomada por forças britânicas na invasão do Iraque, pois possui a maior reserva de petróleo do país.

Historicamente temos, ao final do romance a citação em que Beremiz Samir sai de Bagdá três anos antes da invasão dos tártaros e mongóis em 1258 liderados pelo neto de Gênsis Khan chamado Hulagu Khan, que acabou com o califado, na época comandada então pelo seu último califa, Al Musta'sim.

#### 4.2.2 Enredo matemático

Considerar-se-á como enredo matemático fragmentos do enredo principal em que Beremiz Samir se envolve em situações que resultam em resoluções por meios de raciocínio lógico matemático.

Logo após Hank-Tade-Maiá e Beremiz se encontrarem no deserto, perto de um antigo caravançará (refúgio construído pelo governo para servir de abrigo aos peregrinos), presenciaram uma discussão calorosa entre três homens, ao pé de um lote de camelos.

Beremiz procurou saber de que se tratava e foi esclarecido do assunto.

O mais velho dos homens esclareceu que eram irmãos e haviam recebido, como herança, 35 camelos, mas o pai havia deixado algumas regras para quando fosse feita a partilha, mas eles não sabiam dividir da forma exigida pelo pai.

Beremiz diz que dividir os 35 camelos é um problema de fácil solução, e rapidamente soluciona a questão fazendo ainda sobrar um camelo. Para que a divisão fosse possível, Beremiz acrescentou ao total o camelo que pertencia ao companheiro de viagem.

Após resolver a divisão dos 35 camelos e devolver o camelo que pertencia a Hank-Tade-Maiá, Beremiz alega ser justo ficar com o camelo que sobrara, pois ele resolvera o complicado problema, de modo que todos ficaram contentes a ponto do irmão mais velho aceitar a partilha feita por Beremiz dizendo que foi feita a divisão com justiça e equidade, cedendo-lhe o camelo que sobrara.

E assim, Beremiz e Hank-Tade-Maiá continuaram a jornada para Bagdá, dessa vez cada um em seu camelo.

Alguns dias depois se aproximaram das ruínas de uma pequena aldeia denominada Sippar – quando encontraram, caído na estrada, um pobre viajante,

roto e ferido de nome Salém Nasair que ao regressar de Bacorá com uma grande caravana foi atacada por nômades e somente ele sobreviveu.

Salém Nasair é socorrido e diz estar quase a morrer de fome. Beremiz Samir que possuía 8 pães e Hank-Tade-Maiá três os dividem igualmente entre os três. Salém Nasair agradecido promete pagar 8 moedas de ouro pelo pão que comeria.

O vizir Ibrahim Maluf ao avistar Salém Nasair o chama, perguntando-lhe o que acontecera. O xeique narrou minuciosamente tudo o que se passara até o momento em que fora socorrido por Beremiz e Hank-Tade-Maiá, fazendo aos dois os maiores elogios. Salém Nasair pede ao vizir que pague pelos pães sem perda de tempo.

Beremiz comenta que há divisões matematicamente corretas, mas não perfeitas aos olhos de Deus. Por este motivo, apesar de haver contribuído com um número maior de pães, divide igualmente as oito moedas com Hank-Tade-Maiá.

Após estarem alojados em uma hospedaria foi chamado a resolver o caso de um vendedor de jóias que, ao vir da Síria para vender jóias em Bagdá, prometera ao dono da Hospedaria que pagaria pela hospedagem de acordo com a quantidade de jóias que vendesse. Se o joalheiro vendesse as jóias por 100 pagaria 20 pela hospedagem; se vendesse a sua mercadoria por 200, deveria pagar 40. Já que vendera tudo por 140 dinares, o dono da hospedaria desejava saber quanto o joalheiro deveria pagar, já que ele encontrara um valor e o vendedor outro.

Beremiz diz que é preciso encarar as dúvidas com serenidade e mansidão, pois a precipitação conduz ao erro e à discórdia. E resolve o problema determinando o valor da dívida e deixando satisfeitos os dois, chegando a ganhar um belo anel com duas pedras escuras.

Com suas habilidades sempre colocadas a teste, o príncipe Cluzir Schá o interroga sobre um problema de Bháskara chamado de o problema dos três marinheiros, na qual deveria desvendar a quantidade de moedas dadas como prêmio para os marujos, após ato heróico que é assim narrado.

Um navio voltava de Serendibe e foi assaltado por violenta tempestade e não foi destruído graças à ação de bravura e coragem de três marinheiros. O comandante, querendo recompensar os marujos, deu-lhe uma certa quantidade de catis que era superior a duzentos, mas não ultrapassava a trezentos.

As moedas foram colocadas em uma caixa para serem divididas por ocasião do desembarque pelo almoxarife. A noite, um dos marinheiros que pretendia não

brigar com seus companheiros, resolveu fazer a partilha antes dividindo em três e retirando sua parte, como sobrou uma, ele a lançou ao mar para evitar futuras contendas. Os outros marujos também tiveram a mesma idéia e realizaram o mesmo ato inclusive lançando ao mar uma moeda que sempre sobrara após a divisão. Ao final da viagem, não sabendo o que ocorreu, almoxarife fez novamente a divisão e como sobrou uma moeda de novo resolveu ficar com ela pelos serviços prestados. Com habilidade, Beremiz Samir desvenda o caso determinando a quantidade de moedas (*catís*) existentes na caixa.

Certo dia Beremiz Samir e Hank-Tade-Maiá se preparavam para jantar quando foram surpreendidos pela escolta do grão-vizir Ibraim Maluf el Barad que solicitava a presença do homem que calculava, com urgência. Chegando ao palácio do Vizir foram postos a par dos últimos acontecimentos.

Antes da viagem do califa Al-Motacém aconteceu um incêndio na prisão que, durante muitas horas ameaçou destruir tudo fazendo com que os detentos sofressem por muito tempo. Diante disso, o califa ordenou que todos os detentos fossem beneficiados com a redução de suas penas pela metade. A princípio não foi dada importância alguma ao caso, pois parecia muito simples ordenar que se cumprisse a sentença, mas surgiu um problema delicado e a caravana do rei já estava longe.

Entre os detentos havia um contrabandista de Baçorá chamado Sanadique, preso há quatro anos e condenado à prisão perpétua. Como fazer cumprir as determinações do rei se não pode determinar a metade de um certo tempo desconhecido?

Beremiz Samir, com sabedoria, resolve o caso sugerindo que Sanadique seja posto em liberdade condicional sob vigilância da lei, já que uma solução algébrica seria impossível.

Outras citações são feitas durante a narrativa da obra sobre conceitos e curiosidades matemáticas, tais como o Epitáfio de Diofante que é descrito em seu túmulo: "Aqui jaz o matemático que passou um sexto da sua vida como menino. Um doze avos da sua vida passou como rapaz. Depois viveu um sétimo da sua vida antes de se casar. Cinco anos após nasceu seu filho, com quem conviveu metade da sua vida. Depois da morte de seu filho, sofreu mais 4 anos antes de morrer" e o problema da suspeita de Hierão, rei de Siracusa sobre a proporção de ouro e prata

na confecção de sua coroa pelo seu ourives, solucionado por Arquimedes, famoso pela frase: Eureka! Eureka! após descobrir o modo como resolver.

Considerando que as soluções dadas por Beremiz Samir tenham sido suficientemente inteligíveis para a compreensão, pelos leitores, dos problemas propostos durante a narrativa da obra, não obstante elas foram alcançadas, na maioria dos casos, por métodos lógicos e dedutivos, nem por isso menos exatos.

Para melhor interpretação das engenhosas soluções dadas pelo Homem que calculava verificamos a necessidade de explicações rigorosamente matemáticas e certas considerações e comentários para as situações problemas apresentadas.

Para o problema dos 35 camelos (TAHAN, 1998, p. 19) podemos apresentar uma explicação muito simples. O total de 35 camelos, de acordo com enunciado da história, deve ser repartido, pelos três herdeiros, do seguinte modo:

O mais velho deveria receber a metade da herança, isto é, 17 camelos e meio; O segundo deveria receber um terço da herança, isto é, 11 camelos e dois terços; O terceiro, o mais moço, deveria receber um nono da herança, isto é, 3 camelos e oito nonos. Feita a partilha, de acordo com as determinações do testador, haveria uma sobra.

$$17\frac{1}{2} + 11\frac{2}{3} + 3\frac{8}{9} = 33\frac{1}{18}$$

Observe que a soma das três partes não é igual 35 e sim a  $33\frac{1}{18}$

Há, portanto, uma sobra. Essa sobra seria de um camelo e  $\frac{17}{18}$  de camelo.

A fração  $\frac{17}{18}$  exprime a soma  $\frac{1}{2} + \frac{1}{3} + \frac{1}{9}$  frações que representam as pequenas sobras. Aumentando-se de  $\frac{1}{2}$  a parte do primeiro herdeiro, este passaria a receber a conta certa de 18 camelos; aumentando-se de  $\frac{1}{3}$  a parte do segundo herdeiro, este passaria a receber 12; aumentando-se de  $\frac{1}{9}$  a parte do terceiro herdeiro, este receberia quatro camelos (número exato). Observe, porém que, consumidas com este aumento as três pequenas sobras, ainda há um camelo fora da partilha.

Como fazer um aumento das partes de cada herdeiro?

Esse aumento, foi feito, admitindo-se que o total não era 35, mas 36 camelos (com o acréscimo de 1 ao dividendo). Mas sendo o dividendo 36, a sobra passaria a ser dois camelos. Tudo resultou, em resumo, do fato seguinte:

Houve um erro do testador.

A metade de um todo, mais a terça parte desse todo, mais um nono desse todo, não é igual ao todo. Veja bem:

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3} + \frac{1}{9} = \frac{17}{18}$$

Para completar o todo, falta, ainda,  $\frac{1}{18}$ . O todo, no caso, é a herança dos 35 camelos.  $\frac{1}{18}$  de 35 é igual a  $\frac{35}{18}$  onde corresponde a  $1\frac{17}{18}$

Conclusão: feita a partilha, de acordo com o testador, ainda haveria uma sobra de  $1\frac{17}{18}$ .

Beremiz, com o artifício empregado, distribui os  $\frac{17}{18}$  pelos três herdeiros (aumentando a parte de cada um) e ficou com a parte inteira da fração excedente.

No problema do joalheiro (TAHAN, 1998, p 25), a dificuldade tem sua origem na seguinte particularidade, que pode ser facilmente compreendida:

Não se verifica proporcionalidade entre o preço cobrado pela hospedagem e a quantia pela qual as jóias seriam vendidas. Vejamos:

Se o joalheiro vendesse as jóias por 100, pagaria 20 pela hospedagem; se vendesse a sua mercadoria por 200, deveria pagar 40, e não 35 pela hospedagem.

Não se verifica, portanto, como seria racional, proporcionalidade entre os elementos do problema.

O certo seria:

Para 100, de venda ..... hospedagem 20

Para 200, de venda ..... hospedagem 40

A combinação entre os interessados, porém foi outra:

Para 100, de venda ..... hospedagem 20

Para 200, de venda ..... hospedagem 35

Admitida esta última relação de valores, impõe-se, no caso, para o cálculo da hospedagem, sendo a venda 140, um problema que os matemáticos denominam de interpolação.

O problema dos três marinheiros (TAHAN, 1998, p 107), é estudado nos livros as Recreações Matemáticas sendo apresentado de várias maneiras, ou melhor, com diferente enredos.

Com os recursos da Álgebra podemos resolvê-los de um modo geral, e indicar a fórmula final para o cálculo da incógnita. Designando por “ $x$ ” o número das moedas, a solução seria:  $x = 81k - 2$  na qual o parâmetro  $k$  pode receber um valor qualquer (número natural) 1, 2, 3, 4, 5, ...

Os valores de  $x$  serão, respectivamente: 79,160,241,322,403,484,...

Qualquer termo dessa progressão poderá servir para o total das moedas no problema dos três marinheiros. É preciso portanto, limitar o valor de  $x$ .

Havendo no enunciado a afirmação de que o número de moedas é superior a 200, e que não chegava a 300, o homem que calculava adotou 241, que era o único que se servia para o caso.

No problema da meia vida (TAHAN, 1998, p 125), um matemático diria que a vida do condenado deveria ser dividida em uma infinidade de períodos de tempos iguais, sendo esses períodos, portanto, infinitamente pequenos. Cada período de tempo seria um  $dt$ . O tempo  $dt$  é muito menor do que a décima milionésima parte do milionésimo de um segundo!

Do ponto de vista da Análise Matemática, o problema não tem solução. A única fórmula, a mais humana e mais de acordo com o espírito de justiça foi à fórmula sugerida por Beremiz.

No Epitáfio de Diofante (TAHAN, 1998, p. 135), ele pode ser resolvido facilmente com o auxílio de uma equação do 1º grau com uma incógnita. Designado por  $x$  a idade de Diofante, podemos escrever:

$$\frac{x}{6} + \frac{x}{12} + \frac{x}{7} + 5 + \frac{x}{2} + 4 = x$$

Resolvendo essa equação, achamos  $x = 84$ . É essa a solução do problema.

### 4.3 ESPAÇO

O espaço determinado em o **O homem que calculava** é predominantemente de características árabes, bem de acordo com a maioria da obra de Malba Tahan,

correspondendo ao que Moisés (1972) estabelece de “imposição do lugar geográfico em função de suas características” (p.108). A fantasia nas obras se refere a um mundo de reis e castelos árabes, e o espaço para esta descrição pode ser notado no relato da visita ao Califa Abul-Abas-Ahmed Al-Motacém Billah descrevendo sua moradia:

Longas arcarias sobrepostas, formando curvas em harmoniosas concordâncias, e sustentadas por altas e delgadas colunas geminadas, eram, nas porções de paredes que dominavam os pontos de nascerça, ornamentadas por finíssimos mosaicos, [...].

Os tetos dos salões principais eram forrados de azul e ouro; as paredes de todos os compartimentos apresentavam-se cobertas de azulejos em relevo [...].

Os reposteiros, as tapeçarias, os divãs, tudo enfim quanto constituía a mobília do palácio demonstrava a magnificência inexcelsível de um príncipe das lendas hindus.

Lá fora, nos jardins, reinava a mesma pompa, realçada pela mão da natureza, perfumada por mil odores diversos, alcatifada de verdes alfombras, banhada pelo rio, refrescada por inúmeras fontes de mármore branco junto às quais um milheiro de escravos trabalhavam sem cessar.

Ricas e numerosas colunas ostentavam ali, orgulhosas, com os seus capitéis e pedestais, elegantemente ornadas pelo cinzel dos artistas árabes de Espanha [...]. (TAHAN, 1998, p. 69,70)

O autor procura descrever os espaços físicos com detalhes que refletem as características do oriente do século XIII, seus costumes e tradições. Sua narrativa é minuciosa, não esquecendo mínimos detalhes que iram reforçar a realidade em sua ficção .

Quanto ao espaço no **Romance do filho pródigo** que acontece nas terras de Shiriah, cuja localização é dada pelo narrador:

Banhados pela carícia do ar, sigamos pela estrada que atravessa os campos de Lod e contorna os vales de Jezreel. Do alto de um daqueles gigantescos cedros, que balizam a estrada, poderíamos divisar ao longe, as antigas terras dos heróicos macabeus. [...]

Vencida a estrada lodiana, e não muito longe da pequenina Arimatéia, encontramos largos terrenos, férteis e bem cultivados, com florestas de figueiras e bosques de macieiras que formam uma espécie de granja, conhecida num círculo de mil estádios por lushiriah, ou apenas Shiriah,

palavra que em Hebreu significa: Aquele que Deus sustenta.(TAHAN, 1967, p.17)

Na página 93 o autor esquematiza o roteiro feito por Jessé Bem Naumin em sua viagem.



Fonte: TAHAN, 1967, p.93

Na novela infantil **Amigos maravilhosos** o espaço utilizado é o Sertão nordestino. Logo no início ele é apresentado, “Para Além do Rio dos Bastiões existe, esquecida nos longínquos sertões do Ceará, uma vila que se denomina Açaré.” (TAHAN, 1965, p. 5). A vila de Açaré faz alusão à cidade de Assaré Cidade com uma população de aproximadamente 19.056 habitantes que faz parte do Estado do Ceará, com cerca de 1.127 quilômetros quadrados de área. Júlio César muda a forma da escrita trocando o “ss” pelo “ç”. É narrada a viagem de Açaré a Iguatu também município brasileiro do estado do Ceará localizado no Centro-Sul, sendo um dos principais centros econômicos da região.

Evidenciando o espaço com uma característica do local à época citando os “cangaceiros perigosos” (TAHAN, 1965, p.7) e as ações destes junto à população

Em o “Mistério do mackenzista” o espaço narrado procura evidenciar um pouco do Brasil, não em aspectos, mas nas citações de cidades, já que na apresentação da segunda parte do romance o narrador relata que “O famoso e eficiente detetive paulista \_ Carlo Colonezi \_ narra o caso policial mais assombroso ocorrido no Brasil.”

Algumas cidades brasileiras são assim referenciadas:

Eu, nesse tempo, pensava, pela primeira vez, em tirar vinte dias de férias e fugir da rotina quotidiana da Capital Bandeirante. Fugir da garoa paulista. Iria para o Rio ou para Santos? Sentia-me confesso, as saudades da maravilhosa Copacabana (TAHAN, 1970, p. 25)

Outras; Ribeirão Preto (SP), Curitiba (PR), Ponta Grossa (PR), Botucatu (SP), Mogi das Cruzes (SP), Apucarana (PR), Caxambu (MG), Varginha (MG), Três Corações (MG), Belo Horizonte (MG), e outros.

Como um bom detetive é minucioso nos detalhes como podemos notar ao se referir à casa dos Toledo Maia, “Logo à direita, junto ao portão, deparei com um soberbo Cambuí, de cinco ou seis metros de altura, preparando-se, com seus tons amarelados,” (TAHAN, 1970, p. 40) e “Rodeado por suntuosa varanda de mármore, o aposento parecia o recanto de um palácio fantástico de Harum-al-Raschid, o semi-lendário herói das Mil e Uma Noites.” (TAHAN, 1970, p. 44). Sua observação quanto ao local também é verificada ao descrever a quarto de Ronaldo;

O quarto do jovem Ronaldo, com um banheiro anexo, era bastante confortável. Poucos móveis. Duas janelas abriam para o parque. O grande armário embutido, para roupas, sapatos, capas, etc, ocupava uma das paredes. Podíamos ver a mês, três estantes com livros [...](TAHAN, 1970, p. 59)

Podemos perceber que através do espaço, Júlio César realça as características de um herói investigador ao transmitir ao leitor um raro poder de observação.

#### 4.4 TEMPO

De acordo com Moisés “O tempo constitui um dos aspectos mais importantes \_ se não o mais importante \_ da prosa de ficção”.(1972, p. 101), e todo narrador deverá, mesmo que no fim, criá-lo, já que todos os integrantes da massa ficcional para ele se confluíam.

O tempo é assim dividido em dois tipos:

[...] o cronológico ou histórico, e o psicológico ou metafísico. O primeiro corresponde à marcação das horas, minutos e segundos, no relógio, de acordo com o tempo físico ou natural, disposto em dias, semanas, meses, anos, estações, ciclos lunares, etc. Por sua vez, o tempo psicológico caracteriza-se por desobedecer ao relógio e fluir dentro das personagens, como em eterno presente, em tempo-duração, sem começo, nem meio, nem fim.(Moisés, 1972, p. 102)

O tempo utilizado na maioria das obras de Malba Tahan é tipicamente cronológico, apesar de não termos como datar com exatidão na obra **O homem que Calculava**, o início do romance, já que durante a narrativa há momentos que não são correlacionados em uma ordem linear determinando qual o espaço de tempo em que ela ocorreu. A única descrição exata do tempo cronológico ocorre no final do romance onde é relacionado com a queda de Bagdá na terceira lua do mês de *Rheged*, do ano de 1258.”

Mas durante o romance o tempo é relatado em várias situações. Hank-Tade-Maiá se encontrou com Beremiz Samir quando o mesmo retornava de uma viagem.

Voltava eu, certa vez, ao passo lento do meu camelo, pela Estrada de Bagdá, de uma excursão à famosa cidade de Samarra, nas margens do Tigre, quando avistei, sentado Numa pedra, um viajante, modestamente vestido, que Parecia repousar das fadigas de alguma viagem.(TAHAN 1998, p, 13)

Beremiz Samir se apresentou e foi convidado a acompanhar Hank-Tade-Maiá, e a partir daí há uma sucessão de citações do tempo cronológico, conforme

podemos verificar, na página 19 “Poucas horas havia que viajávamos sem interrupções..”, também nos trechos que relatam o decorrer da viagem, “Três dias depois, aproximávamo-nos das ruínas de pequena aldeia...,” p 21, “Viajamos juntos, até o presente momento, 8 dias, exatamente ...” p 25, “Alguns dias depois, encerrados os trabalhos que fazíamos ..”. p, 35.

Há uma aceleração na narrativa com uma condensação temporal. A narrativa saltou algumas semanas “Pelas informações que ouvi de meu amigo calculista, a aluna invisível, nas últimas semanas, [...]” (TAHAN,1998, p 119).

Esta aceleração é relevante para a trama, já que a narrativa ocorre em *flashback* e esta aluna viria a ser a futura esposa de Beremiz Samir, e é após esta passagem que ele iria ser chamado a uma sabatina onde momentos antes Telassim declararia seu amor.

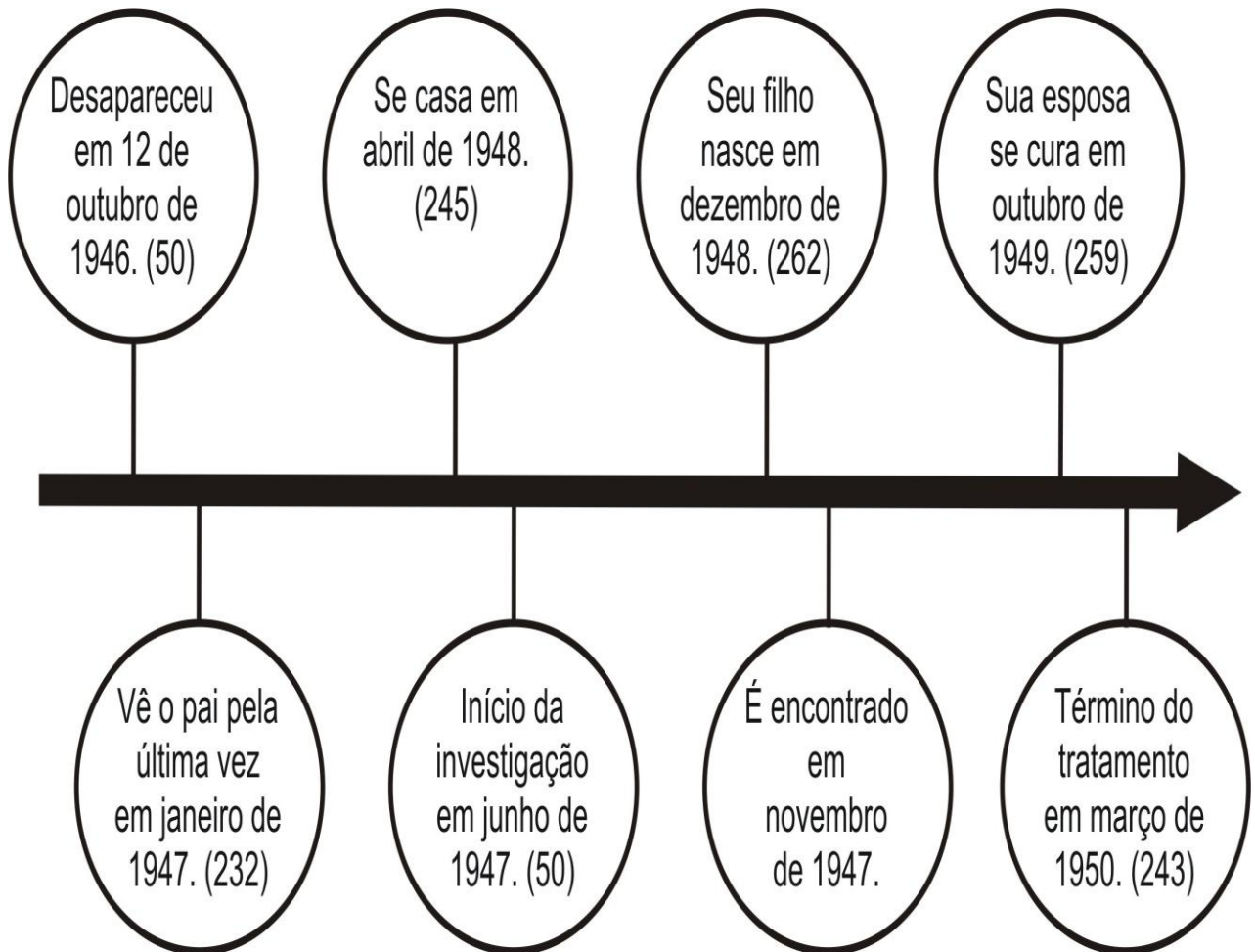
Umberto Eco descreve que o tempo pode ser rápido, lento, cíclico ou imóvel. Uma das técnicas que o autor pode utilizar para controlar a velocidade são os “passeios inferências” (ECO, 1994, p. 56), a expectativa do leitor no decorrer da narrativa. Há também a relação do tempo da escrita com o tempo da história. Em alguns casos o tempo de história é maior que o da escrita e vice-versa.

A técnica de uma grande quantidade de descrição pode ser utilizada como estratégia para diminuir a velocidade do tempo de leitura do leitor para forçá-lo a entrar no ritmo de leitura que o autor julga necessário. Podemos verificar esta utilização na narrativa de Malba Tahan em **O mistério do mackenzista** ao narrar em minúcias as árvores na casa dos Toledo Maia:

Logo à direita, junto ao portão, deparei com um soberbo Cambuí, de cinco ou seis metros de altura, preparando-se, com os seus tons amarelados, para a magnífica floração festiva do findar do ano. Um pouco além, depois de várias roseiras, avistei uma das minhas árvores prediletas.(TAHAN, 1970, p. 40)

Em outra de sua obra **O mistério do mackenzista**: um estranho caso policial, é possível através de dados determinar todo o período em que ocorreu o romance policial. Estes dados estão no decorrer da narrativa sendo necessário uma análise na tentativa de verificar se os fatos estão realmente numa ordem

cronológica. Para melhor compreendê-lo dispõe-se de dados em uma linha do tempo levando em consideração os fatos ocorridos com o jovem Ronaldo.



Analisando a linha de tempo podemos tecer algumas considerações.

O detetive Carlo Colonezi levou cinco meses para descobrir o que aconteceu com o jovem Ronaldo e seu paradeiro. O início da investigação ocorreu 8 meses após o sumiço e ele o encontrou decorridos um ano e um mês depois. O jovem Ronaldo descobriu a doença após 1945 (TAHAN, 1970, p. 292). Na última vez em que viu o pai ele estava sozinho e não vou visto. Este fato ocorreu quando o pai esteve em Caxambu (TAHAN, 1970, p. 216). Seu filho, com sua esposa Oniko, nasceu prematuro de oito meses já que eles se casaram um ano e seis meses após seu sumiço e seu filho nasceu dois anos e dois meses após. A hipótese que a gestação ocorreu antes do casamento pode ser descartado pois de acordo com a

senhora Amnéris que ao rebater o comentário malicioso do genro do senhor Laércio, Doutor Romeu faz a seguinte declaração.

\_ Noiva completa! [...] \_ Isso é uma calúnia! Noiva completa, nunca. Noiva completa, todos nós sabemos, é a noiva que é amante do próprio noivo, isto é, que tem com o noivo relações íntimas, as mais íntimas. Conheci a Oniko, [...] Vi-a, mais de uma vez, [...] pessoa digna do maior respeito. (TAHAN, 1970, p. 55)

Quando intertextualiza com a Bíblia na obra **Romance do filho pródigo**, a ordem cronológica fica evidenciada com alguns fatos. Logo no início é citado por meio de “pequenos letrados em aramaico, ou em grego, com arrogantes legendas latinas, [...] , que a Palestina se acha desgraçadamente sob o guante de Otávio Augusto, o primeiro imperador romano”.(TAHAN 1967, p.17). Caio Júlio César Otaviano Augusto que nasceu em 63 a.C. e morreu em 14 a.C. tendo reinado como imperador no período de 27 a.C. a 14 a.C. Apesar de não haver explicitamente uma ordem cronológica na parábola de Jesus Cristo, a mesma é notada no enredo que descreve os fatos. Cronologicamente a parábola de Jesus Cristo é assim narrada e dividida entre etapas:

E disse: Um certo homem tinha dois filhos.  
E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte da fazenda que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda.  
E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua a ali desperdiçou a sua fazenda, vivendo dissolutamente. (ALMEIDA, 1995, p. 1386).

Mesmo não relatando uma data inicial como ocorre com no livro **Romance do filho pródigo** podemos considerar a primeira etapa como o início numa ordem cronológica, que é breve pois o objetivo central de uma parábola é levar o ouvinte a uma descoberta da verdade que neste caso vem a ser a maneira como o pai recebe o filho.

E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades.  
 E foi e chegou-se a um dos cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos a apascentar porcos.  
 E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada.  
 E, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome!  
 Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti.  
 Já não sou digno de ser chamado seu filho; faze-me como um dos teus trabalhadores.  
 E, levantando-se, foi para seu pai, e, quando ainda estava longe. Viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço, e o beijou.  
 E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti e já não sou digno de ser chamado teu filho.  
 Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa a melhor roupa, e vesti-lho, e ponde-lhe um anel na mão e sandálias nos pés, e trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos e alegremo-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado. E começaram a alegrar-se. (ALMEIDA, 1995, p. 1386).

Assim temos uma ordem cronológica que consideraremos como o início que é origem ou a base da história que dá a sustentação para o objetivo central que é a mensagem que se que passar. Não houve por parte do pai nenhuma indagação sobre o que ocorreu com o filho no período em que esteve ausente para justificar um início simples e objetivo. O perdão do pai, relatado no transcórre da narrativa em suas atitudes com o filho mais novo também continua na parte final com a resposta às indagações e questionamentos do filho mais velho. Mesmo sendo a parte final uma conclusão dos ocorridos ainda há espaço para mais um ensinamento por parte do autor.

E o seu filho mais velho estava no campo; e, quando veio e chegou perto de casa, ouviu a música e as danças.  
 E, chamando um dos servos, perguntou-lhe que era aquilo.  
 E ele lhe disse: Veio teu irmão; e teu pai matou o bezerro cevado, porque o recebeu são e salvo.  
 Mas ele se indignou e não queria entrar. E, saindo o pai, instava com ele.  
 Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir o teu mandamento, e nunca me deste um cabrito para alegrar-me com os meus amigos.  
 Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou a tua fazenda com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado.  
 E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todas as minhas coisas são tuas.

Mas era justo alegrarmo-nos e regozijarmos-nos, porque este teu irmão estava morto e reviveu; tinha-se perdido e foi achado.(ALMEIDA, 1995, p. 1386).

O tempo é relatado várias vezes como “o tempo, na sua marcha inexorável, assinala o quinto dia do mês de Nisan.(TAHAN, 1967, p.41)” , no diálogo de Obadias Bem Jaftet “\_ Bem. Há cinco anos passados, ...”.

Apesar de nem todos os fatos estarem relatados no romance, o autor faz uma síntese cronológica análoga aos fatos históricos da Palestina, do estado romano, atividades culturais diversas e também relacionadas às mais diversas regiões, tendo deixado em negrito a parte ficcional da obra. O tempo descrito está no pós-fácio nas páginas 231 a 240 do romance abordando um período histórico que varia de 27 a.C. até 70 d.C.

O tempo na novela infantil **Amigos maravilhosos** pode ser considerado como cronológico pelas citações que ocorre no texto:

Saiu de manhã...(TAHAN, 1965, p.8)  
 Muitas horas ...(TAHAN, 1965, p.9)  
 Duas horas depois...(TAHAN, 1965, p.13)  
 A manhã seguinte...(TAHAN, 1965, p.57)  
 O dia amanheceu...(TAHAN, 1965, p.62)  
 No dia seguinte...(TAHAN, 1965, p.69)

Apesar das citações não podemos identificar quanto tempo durou a viagem, seu início e seu término.

#### 4.5 NARRADOR

O narrador de **Amigos maravilhosos** é onisciente, “A população daquele recanto, constituída de gente pobre e modesta, ficou apavorada” (TAHAN, 1965, p.6); conhece sentimentos e pensamentos dos personagens “Pedrinho era dotado de bons sentimentos.[...] \_ Ela vai ficar tão só – pensou o bom menino - ... (TAHAN, 1965, p.8)”. estando presente em todas as ações e em todos os lugares “Ao vê-lo

debater-se desesperadamente, Pedrinho compreendeu que o viajante se achava em perigo por não saber nadar.” (TAHAN, 1965, p.10)

O narrador da história é Hank-Tade-Maiá que participa da aventura junto com a personagem principal Beremiz Samir. Seu discurso é direto, ou seja, é mostrado ao leitor por meio de travessão. Como podemos verificar no diálogo entre o narrador Hank-Tade-Maiá, Beremiz Samir e quando do encontro com o cheique Salém Nasair que estava perdido no deserto após ter sua caravana saqueada.

\_\_ Trazei, por acaso, ó muçulmanos, alguma coisa que se possa comer?  
Estou quase, quase a morrer de fome!  
\_\_ Tenho de resto três pães! \_\_ respondi.  
\_\_ Trago ainda cinco! \_\_ afirmou, a meu lado, o homem que calculava.  
(TAHAN, 1998, p. 21)

No livro **O mistério do mackenzista**: um estranho caso policial, se considerarmos que a história, já analisada em capítulo anterior em relação ao romance policial, foi dividida em três partes: a apresentação, que ao contrário de Todorov não apresentou o caso mas sim o romance, invertendo a ordem, mas sem perder a cronologia, esta primeira parte foi criada pelo autor. Assim neste romance parece que teremos um narrador para a apresentação e conclusão, parte um e parte três, que não se identifica claramente e outro para a parte dois que passa ser o herói da história, Carlo Colonezi.

Umberto Eco, em o **Seis passeios pelos bosques da ficção** ao exemplificar as ações de um autor-modelo relata,

[...]casos em que, com maior desfaçatez porém mais sutilmente, apresentam-se autor-modelo, autor empírico, narrador e entidades ainda vagas, colocadas no texto narrativo com o propósito explícito de confundir o leitor.(ECO, 1932, p.24)

Este artifício é utilizado por Malba Tahan pois na primeira parte descreve:

Importante reunião preparatória \_ Parodiando Pirandello: Sete ouvintes curiosos em busca de um narrador hábil e paciente.

O leitor, mesmo sem querer, é apresentado rapidamente aos ouvintes e, no decorrer do romance, ao narrador também.  
 O autor do livro sente-se bastante irritado com um santista pernóstico, repontão, que se julgava conhecedor dos altos segredos literários.  
 Não deseja o detetive narrador ser interrompido com perguntas de seus ouvintes. .” (TAHAN, 1970, p.11).

A apresentação que é descrita na citação anterior é feita por um dos que estão como ouvintes logo no início do capítulo dois.

Sinto-me, neste ponto, forçado a abrir um pequeno parêntese.  
 Além de mim e do detetive Carlo Colonezi, o exuberante narrador, achavam-se no confortável escritório da avenida Paulista, nada menos de seis pessoas. (TAHAN, 1970, p. 17)

E no início do capítulo três.

Terminada a empolgante narrativa do mistério do mackenzista, preparou-se o detetive Colonezi, com uma boa tonelada de paciência, para responder, sem enfuração, às perguntas ou esclarecer as dúvidas e atender à curiosidade talvez malévola de seus pacientes ouvintes. (TAHAN, 1970, p. 276)

Mesmo se colocando como narrador não podemos considerá-lo como tal. Umberto Eco afirma que pelo fato do narrador estar na primeira pessoa não podemos aceitá-lo como autor e segundo a Professora Dr<sup>a</sup> Nícea, em explanação durante uma de suas aulas, “o autor nunca é o narrador”.

#### 4.6 LINGUAGEM

Júlio César de Mello e Souza ao personificar seu heterônimo Malba Tahan com uma origem árabe, transporta para sua linguagem o estilo oriental, utilizando este recurso com bastante ênfase na estruturação de suas obras, levando em consideração as histórias de fundo árabe.

Afrânio Coutinho considerando as diferenças de linguagem no diálogo e de acordo com as diversidades, afirma:

[...], o estilo a esse respeito, está intimamente ligado ao ponto de vista, variando de conformidade com o padrão do personagem que fala ou narra a estória, isto é, o seu grau de educação, a sua idade, origem, experiência, temperamento, competência. O diálogo é, assim, uma pêsca de toque da ficção no que concerne ao manejo da língua. (COUTINHO, 1976, p. 42).

A linguagem utilizada por Malba Tahan é repleta de palavras e expressões árabes e em toda sua obra esta mesma temática é recheada por notas de rodapé, onde o autor explica a origem e o significado do termo, ou coloca anexos ao final com a mesma finalidade. Destacamos algumas destas expressões:

Em nome de Allah, Clemente e Misericordioso! Expressão utilizada sempre ao se iniciar uma obra literária ou uma narrativa, é considerada como uma reza.

*Salã*. Significa paz, é utilizado em saudações. Quando um muçulmano encontra outro a saudação se dá da seguinte maneira:

\_\_ *Salã aleikum*. (A paz de Deus esteja contigo)

\_\_ *Aleikum essalã*. (Seja contigo a paz)

*Allah*, porém, é mais sábio. Usada toda vez que é citado um sábio com muita ênfase à sua sabedoria por um muçumano ortodoxo.

*lallah*, significa “louvado seja Deus”. Os árabes possuem mais de quatrocentas denominações para o Criador, mas são estritamente monoteístas.

*Mac Allah*. Deus é poderoso.

*Uassalã!* Forma usual de despedida.

Na gramática, Júlio César fez uso de palavras com grafias clássicas ou tradicionais “contrariando, em certos pontos, as recomendações ortodoxas de doutos filólogos, puristas e gramáticos” (1998, p. 9), e justifica o fato para deixá-las mais ao gosto de seus leitores. A seguir transcreveremos algumas palavras utilizadas por ele, e qual gramática a ser recomendada.

|                |                |
|----------------|----------------|
| <i>Raschid</i> | <i>Raxid</i>   |
| <i>cheique</i> | <i>xeque</i>   |
| <i>Bagdá</i>   | <i>Baghdad</i> |
| <i>Kheibir</i> | <i>Quebir</i>  |
| <i>Allah</i>   | <i>Alá</i>     |

Em seus estudos sobre a origem das palavras árabes e os aspectos do sistema língua e forma do pensamento árabe, Helena Meidani apresenta a maneira pela qual podemos compará-las com o pensamento ocidental.

A “realidade vista a partir do mundo árabe” apresenta-se como que vestida com outras roupas, tem outras necessidades e, às vezes, parece que inverte as coisas: faz importante o que era secundário e secundário o que era importante.[...] a estranheza deve-se ao fato de que as estruturas lingüísticas ocidentais derivam da precisão demarcatória do *logos* grego, e as narrativas árabes exprimem a “subjativa” visão por *campos semânticos* dos orientais.(MEIDANI, 1997, p. 24)

Não é de estranhar que Júlio César tenha se transformado em um heterônimo de origem árabe, um povo com maneiras tão diferentes de representar ou narrar histórias.

Meidani afirma que esta escolha não foi por acaso, pois a maneira milenar deste método narrativo possui uma extraordinária força psicológica e didática.

Outro método de linguagem utilizado por Júlio César foi a intertextualidade.

Na literatura relativa à lingüística textual é comum aos autores, explicitamente ou implicitamente, tomar como referências outros textos, a que se dá o nome de intertextualidade. Mas a intertextualidade, de acordo com Motta Maia:

[...] pressupõe um universo cultural muito amplo e complexo, pois implica a identificação / o reconhecimento de remissões a obras ou a textos / trechos mais, ou menos conhecidos, além de exigir do interlocutor a capacidade de interpretar a função daquela citação ou alusão em questão. (2009, p.1)

Malba Tahan utilizou a intertextualidade, na grande maioria das vezes, em assuntos religiosos. Um de seus contos é citado em homenagem a sua obra no discurso de posse de Paulo Coelho na Academia Brasileira de Letras (ABL), realizado no dia 28 de outubro de 2002:

Antes de terminar, gostaria de citar outros dois escritores que nunca conheceram a glória, mas que realizaram seu trabalho com dignidade e dedicação. [...].

O outro escritor, um professor de matemática, escondido atrás de um pseudônimo misterioso, povoou minha imaginação infantil com lendas do deserto, dos céus e da terra, das mil histórias sem fim que o povo árabe conta, e que, mais tarde, estariam na gestação de meu livro mais conhecido: "O Alquimista." Trata-se de Júlio César de Mello e Souza, conhecido por todos os seus leitores como Malba Tahan.

Dando continuidade a sua homenagem, Paulo Coelho cita o conto de Malba Tahan, que possui um final relativo à passagem da Bíblia. Neste conto ela relata que na antiga Roma, na época do imperador Tibério, vivia um homem muito bom, que tinha dois filhos: um era militar, e quando entrou para o exército, foi enviado para as mais distantes regiões do Império. O outro filho, versado em letras, virou um poeta famoso, que encantava Roma com seus versos.

O pai certa noite teve um sonho onde um anjo lhe aparecia para dizer que as palavras de um de seus filhos seriam conhecidas e repetidas no mundo inteiro, por todas as gerações. Mas pouco tempo depois o pai morreu ao tentar salvar uma criança que ia ser esmagada pelas rodas de uma carruagem.

Como tinha sido um homem íntegro foi lhe concedido um pedido. E o pai pediu para testemunhar a imortalidade de alguém que ele cuidou quando criança e educou quando jovem.

O anjo tocou em seu ombro, e os dois foram projetados para um futuro distante. Em volta deles apareceu um lugar imenso, com milhares de pessoas, que falavam uma língua estranha.

O homem chorou de alegria pois ele sabia que os versos do seu filho eram bons e seriam imortais já que toda Roma se encantava com eles. Mas o anjo lhe disse que os versos de seu filho poeta foram muito populares em Roma todos gostavam, e se divertiam com eles. Mas, quando o reinado de Tibério acabou, seus

versos também foram esquecidos. As palavras ditas eram de seu filho que entrou para o exército.

O pai ficou surpreso mas o anjo continuou relatando sobre o outro filho que fora servi num lugar distante. Certa tarde, um dos seus servos ficou doente, e estava para morrer. Seu filho, então, ouviu falar de um Rabi que curava os doentes, e andou dias e dias em busca daquela pessoa. No caminho, descobriu que o homem que procurava era o Filho de Deus e no momento que encontrou o Rabi proferiu suas palavras que nunca mais foram esquecidas: “Senhor, eu não sou digno que entreis em minha casa, mas dizei uma só palavra e meu servo será salvo.”

Este conto, ao final, relata a história de um centurião romano que é descrito nos livros do Evangelho segundo Mateus e segundo Lucas, da Bíblia.

Os evangelistas são em número de quatro e descrevem a vida de Jesus Cristo abordando-a em diferentes aspectos sob pontos de vista distintos em relação aos autores.

Mateus, também conhecido como Levi, era judeu e cobrador de imposto para o governo romano, tem como objetivo mostrar um Jesus Cristo como Rei eterno, o messias. João Marcos, único dos quatro autores que não era seu discípulo, relata a história de Jesus Cristo com ênfase em suas obras, baseado supostamente nos dados relatados ou coletados durante sua viagem missionária ao lado de Paulo de Tarso. Lucas era médico, grego e o único gentio conhecido no novo testamento, relata Jesus Cristo como homem. João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago, outro discípulo de Jesus Cristo, tem como propósito comprovar que Jesus Cristo é o filho de Deus. Estes enfoques diferentes justificam o fato de que muitos relatos aparecem em um ou outro dos evangelhos, ou são narrados com diferenças.

A história do centurião romano é narrada nos livros de Mateus capítulo oito, versículos cinco a treze e Lucas capítulo sete, versículos um a dez. Em nenhum dos dois livros é mencionada a origem deste centurião. É esta lacuna que é preenchido por Júlio César em seu conto.

O conto se aproxima mais dos relatos de Mateus que narra o encontro de Jesus Cristo com o centurião que, “... chegou junto dele ...” (ALMEIDA, 1995, p. 1232), já que em Lucas ele “... enviou-lhe uns anciãos dos judeus, rogando-lhe que viesse curar o seu servo.” (ALMEIDA, 1995 p. 1360) não tendo assim havido o encontro entre eles.

Em seu livro **Romance do filho pródigo**, lançado pela editora Conquista em 1967, no Rio de Janeiro, Malba Tahan intertextualiza com a parábola de Jesus Cristo do filho pródigo citado no evangelho segundo Lucas capítulo quinze, versículos onze a trinta e dois inclusive no título.

As parábolas, de acordo com a Bíblia Sagrada, “são comparações entre coisas familiares e coisas desconhecidas, a fim de nos ajudar a compreender algo superior, verdades espirituais” (1995, p. 1244), e foram bastante utilizadas por Jesus Cristo em seus ensinamentos num total de trinta e dois, abordando dez assuntos diversos.(BÍBLIA SAGRADA, 1995, p.1470)

Como o objetivo central de uma parábola era levar os ouvintes a uma descoberta das verdades, e ao mesmo tempo escondê-las daqueles que por motivos diversos não se interessasse realmente em conhecê-las e assim considerassem as mesmas como meras histórias sem sentido ou praticidade. Elas eram desprovidas de alguns elementos de narrativa, tais como: espaço, tempo e identidade de personagens.

Nesta parábola não há nenhum relato de onde aconteceu, quando aconteceu e como eram os personagens, e é neste espaço que Júlio César cria a obra o Romance do filho pródigo.

## 5 CONCLUSÃO

No início deste trabalho deixei clara a intenção de analisar a vida e obra de Júlio César de Mello e Souza, mais conhecido como Yezid Izz-Eddin Ibn-Salin Hank Malba Tahan. Como professor de matemática mas enveredando nas trilhas da literatura tive de me afastar da minha área para poder vislumbrar melhor meu objeto de estudo. A distância em que me encontrava deixava minha visão fosca mas este afastamento, dependendo da distância, poderia distorcer o foco. Ficar entre a literatura e a matemática, entre duas margens, entre aqueles que não haviam estado na outra margem me fez conhecer uma face diferente da matemática e reformular meus conceitos em muitos momentos durante esta caminhada.

Não podemos negar a impregnação entre a matemática e a língua materna mesmo sabendo que a primeira possui uma simbologia própria.

Durante toda nossa vida escolar a língua materna e a matemática são nossas companheiras mas nos anos iniciais temos o prazer de sonhar e a curiosidade em conhecer o novo, mas com o passar do tempo, normas, regras, modelos prontos, decorações e repetições tomam o lugar da criatividade, do prazer e da imaginação.

Com o aval de uma sociedade que busca um conhecimento rápido para formação em um regime capitalista, o processo educacional pende para um conhecimento cultural científico em desfavor de um conhecimento humanístico. Privilegiando a objetividade e a lógica e deixando o que é tido como irreal e fantástico, o ensino reduz as potencialidades cognitivas do ser humano sem se ater ao fato de que, sem elas, a própria formação cultural científica pode ficar comprometida.

Não podemos viver somente no imaginário, no ilusório, em sonhos, mas também não podemos ficar cegos, achando que tudo que não segue o raciocínio lógico não produz conhecimento.

Se considerarmos a literatura, de um lado, como representante do imaginário e a matemática, de outro lado, como representante do lógico a união das duas significaria um passo para a unificação de um processo de (in)formação da educação para o ser humano.

Em decorrência de mudanças sócio-político-econômicas ocorridas nos últimos anos, a matemática, o saber matemática e o ensinar matemática vem sendo objeto de inúmeras discussões. No decorrer dos estudos fui sendo apresentado a uma gama de autores e obras que fazem uma ligação entre a Literatura e a Matemática, mas voltada para uma literatura infantil e com objetivo claro de facilitador na aprendizagem do conhecimento matemático.

Considerando que um texto escrito é uma tradução por meio de palavras daquilo que se conhece, ao enfatizarmos este procedimento, podemos descobrir até que ponto este conhecimento está absorvido pelos nossos alunos. Mas escrever é parte de um processo unívoco de ler. Se almejarmos aperfeiçoar nossa escrita, devemos ampliar nossa leitura.

Estamos cercados de narrativas desde a infância. Ouvir, ler e contar histórias nos parece ser uma predileção humana universal. Consideramos então que a literatura é o elo entre toda forma de aprendizado na formação do ser humano.

É nesse aspecto que entra a obra de Julio César de Mello e Souza.

Matemático de formação e literato, por encanto, fez com que milhares de pessoas se encantassem com um conteúdo ainda considerado por muitos como um martírio escolar.

Com uma extensa obra publicada entre livros específicos de matemática e livros que abordam assuntos diversos a indiferença dada pela crítica da Academia não se deve somente em decorrência dele ser um autor anfíbio. É fato que não somente ele, mas uma grande parte dos autores brasileiros também estão neste rol.

Nosso desejo de apresentar a vida e obra de Júlio César de Mello e Souza foi completamente satisfeito. Apesar das dificuldades encontradas, no início, tivemos um universo para a pesquisa muito amplo a ponto de termos a sensação, no final, de não conseguirmos evidenciar a real grandeza deste autor.

Verificamos o cuidado de Júlio César na elaboração de seus personagens pois o caráter de cada um deles é voltado para a formação de um cidadão de princípios nacionalistas e religiosos. Ao permear sua obra vemos o nível de conhecimento literário que este autor adquiriu durante sua vida escrevendo sobre assuntos diversos e com um grau de citações de outras obras e autores que podem deixar muitos escritores e leitores atuais estarecidos.

A prática de leitura deve acontecer em todas as disciplinas de ensino e a matemática não pode ficar ao relento. Júlio César mostrou que isto é possível de acontecer. Como autor e professor criou e aplicou o que acreditava em suas aulas nos deixando não somente uma imensa obra de apoio mas a idéia de que é possível ter a literatura como aliada na formação de uma educação matemática.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2004

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. A nova crítica. In: \_\_\_\_\_ et al. **Teoria da literatura**. Rio de Janeiro: Gernasa, 1973. p. 25-33.

BRAGA, D.B. Hipertexto: questões de produção e leitura. In: SEMINÁRIO DO G.E.L., 52., 2004, São Paulo. **Seminário...** São Paulo, Unicamp, 2004. 1 CD-ROM

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de estudo. Aplicação pessoal**. Versão Almeida. Edição 1995. Impresso na gráfica da Bíblia – Brasil. 2004.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: TA Queiroz, 2000.

CARROL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. São Paulo: Martin Claret, 2007.

\_\_\_\_\_, **Quem foi Lewis Carroll?** Disponível em:  
<[http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/alice/lewis\\_carroll.htm](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/seminario/alice/lewis_carroll.htm) >  
Acesso em: 25 ago. 2009.

COELHO, Paulo. **Discurso de posse na ABL**. Disponível em:  
<<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=320&sid=233>>  
Acesso em: 22 jun. 2009.

COSTA, Letícia Vieira Oliveira. Educação matemática: origem, características e perspectivas, In: ENCONTRO NACIONAL DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, 9, 2007, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Educação Matemática. Disponível em:  
<[http://www.sbem.com.br/files/ix\\_enem/Html/comunicacaoCientifica.html](http://www.sbem.com.br/files/ix_enem/Html/comunicacaoCientifica.html) >. Acesso em: 18 set. 2007.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

CRUZ, Márcia de Oliveira. **Narrativas em matemática**: significado e função. Disponível em: <[http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=textoapoio.ds\\_home&id\\_comunidade=132](http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=textoapoio.ds_home&id_comunidade=132)>. Acesso em: 12 mar. 2009.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ENZENSBERGER, Hans Magnus. **O diabo dos números**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FERNANDES, Millôr. **Poesia matemática**. Disponível em: <<http://www.pensador.info/frase/MTAxMDYw/>> Acesso em: 19 ago. 2009.

FERREIRA, Alba Lísian Candian. **Malba Tahan**: uma vida dedicada ao ensino significativo da matemática. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

FHILADELFIO, Joana Alves. **Alta literatura x literatura de massas**: diálogos (im)possíveis?. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/conifes/anais/LCA/lca3004.htm>> Acesso em: 19 ago. 2009.

FONSECA, Maria da Conceição F. R.; CARDOSO, Cleusa de Abreu. Educação matemática e letramento: textos para ensinar matemática, matemática para ler o texto. In: NACARATO, Adair Mendes; LOPES, Celi Espasandin (Orgs.). **Escritas e leituras na educação matemática**. Belo Horizonte, Autêntica, 2009. p. 63-76.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Tradução de Maria Helena Martins. 2. ed. São Paulo: Globo, 1998.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 22. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1988.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: 34, 1996. V. 1.

\_\_\_\_\_. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: 34, 1999. v. 2.

JABRI, Mohammed Abed al-. **Introdução à crítica da razão árabe**. São Paulo: Unesp, 1999

LENDAS ORIENTAIS. **Malba Tahan, sua vida e sua obra**. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1942.

LOBATO, Monteiro. **Aritmética da Emília**. 29. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MACHADO, Nilson José. **Matemática e língua materna** (Análise de uma impregnação mútua). 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MEIDANI, Helena. **Malba Tahan**: matemática, literatura e educação.:1997. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

MELLO E SOUZA, João Batista. **Meninos de Queluz**: crônica de saudade. Rio de Janeiro: Aurora, 1949.

MENDES, Iran Abreu. **Análise dos romances matemáticos de Lewis Carrol**: contribuições para as aulas de matemática. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/ebrapem/completos/11-20.pdf>> Acesso em 21 fev. 2009.

MOISÉS, Massaud. **Guia prático de análise literária**. São Paulo: Cultrix, 1972.

MOTO MAIA, Maria Christina. **Intertextualidade**. Disponível em: <<http://acd.ufrj.br/~pead/tema02/intertextualidade2.htm>> Acesso em 12 de ago. 2009.

MOTT, Odete de Barros, **A revolta dos números**. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

POE, Edgar Alan. **Os assassinatos da rua Morgue e o escaravelho de ouro**. 8 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

PORTES, Maria Verônica Pereira. **Bufo & Spallanzani**: apenas mais um romance policial? 2003. XX f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2003.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética**: fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 3 ed. revista. São Paulo: EDUC, 2008.

SANT'ANA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase e cia**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1985.

SARAIVA, José Cloves Verde. **Malba Tahan visita São Luiz e outras histórias**. [S.l. :s.n.], 2002.

SMOLE, Kátia Cristina S. **Era uma vez na matemática**: uma conexão com a literatura infantil. São Paulo: CAEM - Centro de Aperfeiçoamento do Ensino de Matemática e Estatística da USP, 1993.

\_\_\_\_\_. Ler e aprender matemática. In: SMOLE, Kátia Cristina S.; DINIZ, Maria Ignez (Orgs.). **Ler, escrever e resolver problemas**: habilidades básicas para aprender matemática. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 69-86.

\_\_\_\_\_. Textos em matemática: porque não? In: SMOLE, Kátia Cristina S.; DINIZ, Maria Ignez (Orgs.). **Ler, escrever e resolver problemas**: habilidades básicas para aprender matemática. Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 29-68.

TAHAN, MALBA. **A sombra do arco íris**. 7. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1953. V. 1 e 2.

\_\_\_\_\_. **A arte de ler e contar histórias**. 4. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1964.

\_\_\_\_\_. **A lua: astronomia dos poetas brasileiros**. Rio de Janeiro: Lux, 1955. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Amigos maravilhosos**. Rio de Janeiro: Conquista, 1965.

\_\_\_\_\_. **Mil histórias sem fim ...**. 12 ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1963.

\_\_\_\_\_. **Minha vida querida**. 12 ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1959.

\_\_\_\_\_. **O homem que calculava.** 46 ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

\_\_\_\_\_. **O mistério do Mackenzista:** um estranho caso policial. São Paulo: Edicel, 1970.

\_\_\_\_\_. **Paca, tatu...:** contos infantis brasileiros. 6. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1965.

\_\_\_\_\_. **Romance do filho pródigo.** Rio de Janeiro: Conquista, 1967.

TEIXEIRA, Rafael Montoito. **Uma visita ao universo matemático de Lewis Carrol e o (re)encontro com a sua lógica do nonsense.** 2007. 190f. Dissertação (Mestrado em Educação: educação matemática). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

TODOROV, Tzvetan. Tipologia do romance policial. In: \_\_\_\_\_. **As estruturas narrativas.** São Paulo: Perspectiva, 1970. p 93-184.

VALENTE, Wagner Rodrigues. Controvérsias sobre educação matemática no Brasil: Malba Tahan versus Jacomo Stávale. **Caderno de Pesquisa PUC-SP**, São Paulo, n. 120, p. 151-167, nov. 2003.

VASCONCELLOS, Eliane. **Entre a agulha e a caneta:** a mulher na obra de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

VERSIANE, Daniela Beccaccia. **A matemática da formiga.** Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Daniela Beccaccia Versiane.** Entrevista [maio 2009]. Entrevistadora Margarida Patriota. Brasília: Rádio Senado. Entrevista concedida ao Programa Autores e Livros. Disponível em:  
<<http://www.senado.gov.br/radio/programasant.asp>> Acesso em: 17 set. 2009

VILLAMEA, Luiza. Malba Tahan, o genial ator da sala de aula. **Revista Nova Escola**, São Paulo, ano X, n. 87, p. 8-13, set. 1995.

VOLTAIRE, François Arouet. **Zadig ou o destino:** história oriental. São Paulo: Escala, 2008.

XAVIER, Elódia. **Declínio do patriarcado:** a família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Record, 1998.

## **ANEXOS A**

## **ANEXOS A – Obras agrupadas de acordo com a temática**

Obras de matemática recreativa com função de mostrar uma outra face da matemática:

1) **A equação da cruz**. MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: publicação independente, 1959.

2) **A matemática na lenda e na história**. TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.

3) **Antologia da matemática – 1º volume**. TAHAN, Malba. São Paulo: Saraiva, 1960.

4) **Antologia da matemática – 2º volume**. TAHAN, Malba. São Paulo: Saraiva, 1961.

5) **As grandes fantasias da matemática**. MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1945.

6) **As maravilhas da matemática**. TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Bloch, 1972.

7) **Diabruras da matemática: problemas curiosos e fantasias aritméticas**. MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1943.

8) **Dicionário curioso e recreativo da matemática**. 1º volume – letras A e B. MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1940.

9) **Dicionário curioso e recreativo da matemática**. 2º volume – letras C e D. MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1942.

10) **Dicionário curioso e recreativo da matemática**. 3º volume – letras D, E e F. MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1943.

11) **Dicionário curioso e recreativo da matemática**. 4º volume – letras F e G. MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1950 e 1951.

12) **Folclore da matemática: lendas, histórias e curiosidades**. MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Conquista, 1954.

13) **Histórias e fantasias da matemática**. MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1939.

14) **Matemática divertida e curiosa**. MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Calvino, 1934.

15) **Matemática divertida e delirante.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Saraiva, 1967.

16) **Matemática divertida e diferente.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1943.

17) **Matemática divertida e fabulosa.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1942.

18) **Matemática divertida e pitoresca.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1941.

19) **Matemática recreativa: fatos e fantasias.** 1º volume. TAHAN, Malba. São Paulo: Saraiva, 1965.

20) **Matemática recreativa: fatos e fantasias.** 2º volume. TAHAN, Malba. São Paulo: Saraiva, 1965.

21) **Matemática suave e divertida.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Aurora, 1951.

22) **Meu anel de sete pedras.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. 2.ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1955.

23) **Numerologia.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Record, 1969.

24) **O escândalo da geometria.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Aurora, 1947.

25) **O jogo de bicho à luz da matemática.** TAHAN, Malba. Curitiba: Grafipar, [s.d.]

26) **A lógica na matemática.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Saraiva, 1966.

27) **Recreações matemáticas: casos, histórias e problemas.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Saraiva, 1965.

Obras de cunho religioso e de formação, destinadas principalmente aos jovens. São tipicamente novelas e contos podendo ou não ter características orientais.

1) **A caixa do futuro.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Conquista, 1959.

2) **A pequena luz azul.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1958.

3) **A sombra do arco íris I.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1941.

4) **A sombra do arco íris II.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1950.

5) **A sombra do arco íris III.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1950.

6) **A estrela dos reis magos.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Saraiva, 1967.

7) **A girafa castigada.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Brasil - América, 1967.

8) **Amigos Maravilhosos.** TAHAN, Malba. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1935.

9) **Aventuras do rei Beribê.** TAHAN, Malba. 3.ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1954.

10) **Lendas do céu e da terra.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933.

11) **Lendas do povo de Deus.** TAHAN, Malba. 3.ed. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1943.

12) **O bom caminho.** TAHAN, Malba. 6.ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1959.

13) **Paca, tatu.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Cruzada da boa esperança, 1939.

14) **Romance do filho pródigo.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Conquista, 1967.

Obras específicas de matemática (não estamos incluindo neste grupo as obras produzidas em conjunto com os outros autores : Cecil Thiré, Euclides Roxo, Nicanor Lemgruber, Irene de Albuquerque, Manoel Jairo Bezerra, Ceres Marques e Jurandir Paes Leme que são num total de 27).

1) **Estudo elementar das curvas.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1933.

2) **Funções moduladas.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1933.

3) **Funções hiperbólicas.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930.

4) **Geometria analítica** – 1º volume – No espaço de duas dimensões. MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: ABC, 1931.

5) **Geometria analítica** – 2º volume – No espaço de duas dimensões. MELLO E SOUZA, Júlio César de. 2. ed. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1940.

6) **Geometria analítica** – 1º volume – No espaço de três dimensões. MELLO E SOUZA, Júlio César de. 2.ed. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1943.

7) **Geometria analítica** – 2º volume – No espaço de três dimensões. MELLO E SOUZA, Júlio César de. 2.ed. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1940.

8) **Tábuas completas e formulários: logaritmos e trigonometria.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. 3.ed. Rio de Janeiro: Aurora,[s.d.].

9) **Trigonometria hiperbólica.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

10) **Matemática, aritmética, série admissão.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Conquista, 1950.

Obras de contos e lendas orientais, lendas chinesas e romances .

1) **Alma do oriente.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

2) **Amor de beduíno.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Briguiet, 1929.

3) **Céu de Allan.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1927.

4) **Contos de Malba Tahan.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Lux, 1925.

5) **Iazul.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1970.

6) **Lendas do bom rabi.** TAHAN, Malba. São Paulo: Saraiva, 1951.

7) **Lendas do deserto.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Azevedo, 1929.

8) **Lendas do oásis.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

9) **Maktub.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1935.

10) **Mil histórias sem fim I.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1931.

10) **Mil histórias sem fim II.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1933.

11) **Minha vida querida: o amor e alma nas lendas do oriente.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1940.

12) **Novas lendas do deserto.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: A noite, 1937.

13) **Novas lendas orientais.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Conquista, 1959.

14) **O aviso da morte.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1948.

15) **O homem que calculava.** TAHAN, Malba. 46. ed. Rio de Janeiro: Record, 1972.

16) **O livro de Aladim.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Getúlio Costa, 1943.

17) **O terceiro motivo.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Saraiva, 1962.

18) **O rabi, o cocheiro e os anjos de Deus.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1968.

19) **O tesouro de Bresa.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1968.

20) **Salim, o mágico.** TAHAN, Malba. São Paulo: Ibrasa, 1970.

21) **Os sonhos do lenhador.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1968.

Obras de didáticas para professores de matemática e formação de contadores de história.

1) **A arte de ler e contar histórias.** TAHAN, Malba. 4.ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1964.

2) **Alegria de ler.** TAHAN, Malba. 16.ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1955.

3) **Antologia do bom professor.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Vecchi, 1969.

4) **Didática da matemática – 1º volume -** TAHAN, Malba. São Paulo: Saraiva, 1961.

5) **Didática da matemática – 2º volume -** TAHAN, Malba. São Paulo: Saraiva, 1962.

6) **Didática da matemática.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Aurora, 1957.

7) **A arte de ser um mau professor.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Vecchi, 1967.

8) **Meu caderno de matemática.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. 2.ed. Rio de Janeiro: Aurora, 1945.

9) **Técnicas e procedimentos didáticos no ensino da matemática.** MELLO E SOUZA, Júlio César de. Rio de Janeiro: Aurora, 1957.

10) **Páginas do bom professor.** . TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Vecchi, 1969.

11) **Roteiro do bom professor.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Vecchi, 1969.

12) **O mundo precisa de ti, professor: primeiras noções sobre a ética profissional do professor.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Vecchi, 1966.

13) **O problema das definições em matemática: erros, dúvidas e curiosidades.** TAHAN, Malba. São Paulo: Saraiva, 1965.

14) **O professor e a vida moderna.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Vecchi, 1967.

Obras em literatura nacional, questões sobre Hanseníase, memórias e tradução narrativa.

1) **A lua: astronomia dos poetas brasileiros.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Lux, 1955.

2) **Belezas e maravilhas do céu.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Bloch, 1974.

3) **O guia carajá: Lenda do sertão do Brasil.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Aurora, 1947.

4) **Os melhores contos brasileiros.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Record, 1999.

5) **O inferno de Dante** – tradução de “O inferno” de Dante Alighieri – 1º volume. TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Aurora, 1947.

6) **O inferno de Dante** – 2º volume. TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Aurora, 1948.

7) **Acordaram-me de madrugada.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1973.

8) **Ainda não, doutor.** TAHAN, Malba; ANTAKIEH, Eva. Rio de Janeiro: Conquista, 1967.

9) **História da onça que queria acordar cedo.** TAHAN, Malba. Rio de Janeiro: Brasil - América, 1968.

10) **O mistério do Mackenzista: um estranho caso policial.** TAHAN, Malba. São Paulo: Edicel, 1980.